

,
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HABILITAÇÕES PEDAGÓGICAS
CURSO DE PEDAGOGIA

VALÚSIA VÊNUS GOMES DANTAS

**APOSTAS ENACTANTES DOS ATORES DE POLÍTICAS PÚBLICAS
EDUCACIONAIS EM TRÊS ESCOLAS DE REDE PÚBLICA EM JOÃO PESSOA**

JOÃO PESSOA - PB,
2019

VALÚSIA VÊNUS GOMES DANTAS

**APOSTAS ENACTANTES DOS ATORES DE POLÍTICAS PÚBLICAS
EDUCACIONAIS EM TRÊS ESCOLAS DE REDE PÚBLICA EM JOÃO PESSOA**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Luís Gonzaga Gonçalves

JOÃO PESSOA - PB,

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

D192a Dantas, Valusia Venus Gomes.

Apostas enactantes dos atores de políticas públicas educacionais em três escolas de rede pública de João Pessoa / Valusia Venus Gomes Dantas. – João Pessoa, 2019.

87 f. : il.

Orientação: Luíz Gonzaga Gonçalves.

Monografia (Graduação) – UFPB/Centro de Educa.

1. Apostas enactantes. Apostas expectantes. BNCC. I. Gonçalves, Luíz Gonzaga. II. Título.

UFPB/BC

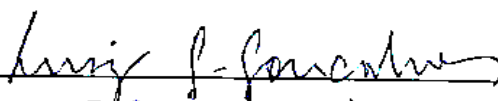
TERMO DE APROVAÇÃO

VALÚSIA VÊNUS GOMES DANTAS

**APOSTAS ENACTANTES DOS ATORES DE POLÍTICAS PÚBLICAS
EDUCACIONAIS EM TRÊS ESCOLAS DE REDE PÚBLICA EM JOÃO
PESSOA**

Monografia aprovada, como requisito parcial à obtenção de grau de Licenciada em
Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, pela seguinte banca
examinadora:

BANCA EXAMINADORA



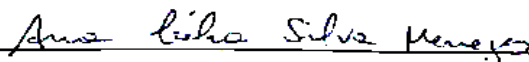
Prof. Dr. Luiz Gonzaga Gonçalves

Orientador – UFPB/CE/DFE



Prof. Me. Luciano de Souza Silva

Avaliadora – UFPB/CE/DME



Profª. Dra. Ana Célia Silva Menezes

Avaliadora – UFPB/CE/DHP

AGRADECIMENTOS

É com muito prazer que dedico e agradeço essa monografia a todos que me apoiaram ao longo da minha trajetória acadêmica, meus professores, em especial o meu orientador Luiz Gonzaga Gonçalves, por quem tenho um enorme carinho, e vem me acompanhando desde o primeiro período do curso, primeiro como professor, e posteriormente como orientador em vários trabalhos (PROLICEN, CREPEAFE, Seminário Temático, ENID e TCC).

Agradeço à minha família (minha avó, mãe, pai, irmão e irmãs), à minha mãe Divanete Gomes Dantas. Principalmente porque fez o que pôde para que eu conseguisse estudar. A minha querida irmã Milady Kate Gomes Dantas, graças a você e ao meu cunhado Carlito Dutra Monteiro Júnior eu estou conseguindo concluir esta graduação, vocês têm sido maravilhosos, me ajudaram quando eu mais precisei.

Às minhas colegas de curso, principalmente as que se tornaram grandes amigas, Maria Beatriz da Silva Santos, que foi minha parceira em vários trabalhos, estágios e me ajudou na coleta de dados deste trabalho, mas especificamente as entrevistas, e Larissa de Lima Lopes, quero dizer que vocês foram muito importantes nesta etapa da minha vida, segurando minha mão quando eu mais precisei, e comemorando as minhas vitórias.

Aos demais, seus nomes não estão aqui, mas saibam que eu lembro de todos que me ajudaram nestes quatro anos de curso, gratidão por tudo e que os Deuses retribuam tudo o que fizeram por mim.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1: As dez Competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular para a Educação Básica

Figura 2: Competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular: Ensino Fundamental

Figura 3: Quadro das unidades temáticas e objetos de conhecimento

LISTA DE SIGLAS/ ABREVIATURAS

BNCC: Base Nacional Comum Curricular

CNE/CP: Conselho Nacional de Educação/ Curso de Pedagogia

EEBAS: Escola de Educação Básica

LDB: Lei de Diretrizes e Base

MEC: Ministério da Educação

PPP: Projeto Político Pedagógico

PPGE: Programa de Pós-Graduação em Educação

PB: Paraíba

PIBIC: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PNAIC: Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

PUC-RJ: Pontifícia Universidade Católica- do Rio de Janeiro

TCC: Trabalho de Conclusão de Curso

UFPB: Universidade Federal da Paraíba

UnB: Universidade de Brasília

RESUMO

Este trabalho é sobre as apostas enactantes e os atores de políticas educacionais. Apostas enactantes são um tipo de aposta (investimento) em um projeto no qual a sua representação passa por sua realização. A aposta enactante é um conceito criado por Francisco Varela e discutido por Hubert Hannoun (1998). O conceito diz respeito à relação ativa entre conhecimento, sujeito e mundo. Neste trabalho também ganhou destaque o conceito de Móbile (CHARLOT, 2000), que está muito ligado ao que dá sentido às ações dos sujeitos, e tem uma relação muito íntima com o conceito de enação. Os sujeitos envolvidos na pesquisa são os atores de políticas de três escolas públicas de João Pessoa. E a política educacional em questão é a Base Nacional Comum Curricular regulamentada na resolução CNE/CP Nº 2, de 22 de dezembro 2017, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica. O intento da pesquisa é averiguar se os atores das escolas pesquisadas ao pensarem sobre a BNCC se preocupam em fazer um projeto que preserve sua autonomia docente. O Projeto da Base é uma construção que visa a criação de um currículo no qual apresenta conteúdos essenciais que devem ser ensinados em todo o país. Alguns autores como: Ball (2016), Albino e Pereira (2015) e Rocha (2016), entre outros, discutem políticas educacionais e os documentos sobre a BNCC. O que discutiremos aqui é a forma como os educadores e educadoras das escolas em foco recebem a BNCC. Importa ver se existe a possibilidade de um posicionamento ativo, enactante, por parte dos sujeitos envolvidos na proposta do Documento. Para isto, foram feitas entrevistas com esses sujeitos, com questões abertas sobre a BNCC e sobre seus posicionamentos em relação ao Documento. Os resultados encontrados foram em sua maioria posicionamentos de espera, de aposta expectante, porém pode-se perceber também um potencial de aposta enactante em alguns sujeitos. Percebemos diferenças em relação a informação sobre a BNCC nas escolas, apesar de serem escolas próximas e de públicos em parte semelhantes. Alguns questionamentos ainda ficaram com respostas a depender de mais estudos.

Palavras-Chave: BNCC. Aposta expectante. Aposta enactante. Educação básica.

ABSTRACT

This work is about enacting bets and educational policy actors. Enactante bets are a type of bet (investment) in a project in which its representation passes through its realization. The enactante bet is a concept created by Francisco Varela and discussed by Hubert Hannoun (1998). The concept is related to the relation between knowledge, subject and world. In this work the concept of Mobile (CHARLOT, 2000) was also highlighted, which is closely linked to what gives meaning to the actions of the subjects, and has a very intimate relationship with the concept of enação. The subjects involved in the research are the policy actors of three public schools in João Pessoa. And the educational policy in question is the National Curricular Common Base (BNCC) regulated in resolution CNE/CP No. 2, of December 22, 2017, to be respected mandatorily throughout the stages and respective modalities in the scope of Basic Education. The Base Project is a construction that aims to create a curriculum in which it presents essential contents that must be taught throughout the country. Some authors such as Ball (2016), Albino and Pereira (2015) and Rocha (2016), among others, discuss educational policies and documents about BNCC. What we will discuss here is how the educators of the schools in focus receive the BNCC. It is important to see if there is the possibility of an active, enactante positioning by the subjects involved in the proposal of the Document. For this, interviews were made with these subjects, with open questions about the BNCC and its positioning in relation to the Document. The results found were mostly waiting placements, expectant betting, but one can also perceive a potential enactante bet in some subjects. We perceive differences regarding information about the BNCC in schools, although they are nearby schools and some public similarly. Some questions were still not answered and depending on more studies.

Keywords: Expectant bet. Enactante bet. Basic Education.

SUMÁRIO

1- ASPECTOS INICIAIS.....	11
1.2- A metodologia utilizada na pesquisa.....	16
3-O CONCEITO DE APOSTAS ENACTANTES E EXPECTANTES.....	19
4- A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR.....	25
5- BNCC, APOSTAS ENACTANTES E EXPECTANTES: O QUE OS ATORES POLÍTICOS DAS ESCOLAS PESQUISADAS TÊM A DIZER?.....	32
5.1-Apostas dos atores da Escola Escola Aruanda.....	32
5.2- Apostas dos atores da Escola Braz Baracuhy.....	41
5.3- Apostas dos atores da Escola de Educação Básica da UFPB.....	45
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
APÊNDICE A- ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	55
APÊNDICE B- ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS A E B.....	56
APÊNDICE C- ENTREVISTA COM O PROFESSOR C.....	59
APÊNDICE D- ENTREVISTA COM A COORDENADORA DA ESCOLA DES. BRAZ BARACUHY.....	62
APÊNDICE E- ENTREVISTA COM A PROFESSORA D.....	63
APÊNDICE F- ENTREVISTA COM A PROFESSORA E.....	64
APÊNDICE G- ENTREVISTA COM A PROFESSORA F.....	65
APÊNDICE H- ENTREVISTA COM A DIRETORA DA ESCOLA ARUANDA.....	66
APÊNDICE I- ENTREVISTA COM A PROFESSORA G.....	67
APÊNDICE J- ENTREVISTA COM A PROFESSORA H.....	69
APÊNDICE K- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO A.....	70
APÊNDICE L- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO B.....	72
APÊNDICE M- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO C.....	74
APÊNDICE N- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO D.....	76
APÊNDICE O- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO E.....	78
APÊNDICE P- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO F.....	80
APÊNDICE Q- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO G.....	82
APÊNDICE R- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO H.....	84
APÊNDICE S- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO I.....	86

1- ASPECTOS INICIAIS

Nessa pesquisa iremos analisar as falas de atores de políticas em três escolas de João Pessoa, em relação ao que eles conhecem e pensam sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é um documento normativo, que visa a construção de um currículo padrão para as escolas de todo o país. Quando falamos em atores, estamos nos referindo as pessoas que fazem as políticas acontecerem no contexto da prática das escolas (Professores, coordenadores, diretores).

Nosso objeto de pesquisa é a BNCC, ela causará uma transformação no ensino e na organização de todas as escolas do país. Essa mudança já está acontecendo, pois com o documento (na época da pesquisa nas duas escolas, a Aruanda e a Des. Braz Baracuhy) estava em sua terceira versão, os discursos e especulações em relação a esse documento já surgiram em todo o país. Quando a pesquisa foi realizada na Escola de Educação Básica da UFPB, a BNCC já tinha sido aprovada e o prazo para ser colocada em prática em todas as escolas do Brasil está previsto para até 2020.

Algumas autoras, como Albino e Pereira (2015), se preocupam com a BNCC, seus posicionamentos não são contra nem a favor da Base, mas de um olhar crítico que possibilita perceber seus aspectos positivos e suas limitações enquanto documento. Elas também discutem a preocupação com a autonomia dos sujeitos que atuarão nas escolas com base na BNCC. Rocha (2016) também expõe sua inquietação em relação a autonomia docente, em relação ao cunho tecnicista do documento, bem como quanto as possibilidades de espaço para as especificidades dos sujeitos nos contextos escolares.

Estamos interessados no que os sujeitos atores diretos de políticas têm a dizer sobre a BNCC e se o que estamos entendendo como apostas enactantes podem estar relacionadas com o discurso e a prática dos professores atuantes de políticas nas escolas, em relação a BNCC.

A proposta da Base, segundo o Ministério da Educação, é que todos os estudantes, em nível nacional, tenham acesso aos mesmos conhecimentos e que não haja desigualdade nem divergência no ensino. Neste documento são apresentados os conteúdos e as competências que deverão fazer parte do ensino e aprendizado nas escolas.

A Base foi criada pelo MEC em junho de 2015, o MEC institui (Portaria nº 592), junto com o Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) e a União dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime), o grupo de redação responsável pela primeira versão da BNCC. Em julho de 2015, houve o Seminário Internacional sobre a BNCC em

Brasília, que reuniu especialistas nacionais e internacionais para compartilhar e debater experiências de construções curriculares. Em setembro deste mesmo ano, é publicada a primeira versão do documento.

No ano de 2016, é lançada uma consulta online da primeira versão da BNCC, teve mais de 12 milhões de contribuições da sociedade civil, professores, escolas, organizações do terceiro setor e entidades científicas. Em maio de 2016, o MEC publica a segunda versão da BNCC, com base nas contribuições da consulta pública.

Em abril de 2017, o MEC entrega ao Conselho Nacional de Educação (CNE) a terceira versão da BNCC. Em agosto de 2017, o Consed e Undime apresentam o Guia de Implementação da BNCC. No dia 15 de dezembro, o CNE aprova a base por meio de votação, onde o Documento da Base ganha com 20 votos a 3. E no dia 20 de dezembro deste mesmo ano, a BNCC é homologada.

Para este nosso trabalho, foram escolhidas três escolas de redes diferentes para que possamos fazer um estudo exploratório e comparativo entre as informações obtidas nessas escolas de características mais ou menos parecidas, por serem escolas públicas de João Pessoa e de localização próxima uma da outra, sendo: uma escola Municipal, outra Estadual e outra Federal.

Algumas entrevistas foram realizadas quando a BNCC ainda estava em processo de construção, que foi o caso das entrevistas das escolas Aruanda e Des. Braz Baracuhy. Na Escola de Educação Básica, da Universidade Federal da Paraíba, as entrevistas foram realizadas após a aprovação do documento.

O conceito de apostas enactantes, a serviço da docência, neste trabalho, servirá de aporte teórico e prático para as análises das falas dos sujeitos entrevistados e suas compreensões em relação a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). São especificamente professoras (es) de três escolas de João Pessoa: Escola Municipal de Ensino Fundamental Aruanda, que fica no Bairro Bancários, a Escola Estadual de ensino Fundamental Desembargador Braz Baracuhy, localizada no Bairro Castelo Branco II e a Escola de Educação Básica da UFPB, também localizada no Bairro Castelo Branco, no Campus I. Também abordaremos os seus projetos em relação a atuação na BNCC.

O conceito de Apostas, como se vê em Hubert Hannoun (1998), está muito ligado ao sentido de prever o tipo de investimento e desafio a enfrentar. Já o conceito de enação requer uma participação ativa do sujeito no processo de construção do conhecimento. O sentido de apostar de forma enactante, para Hannoun, exige do sujeito a realização do projeto que foi pensado por ele, diferente do apostador expectante, no qual a posição é apenas de um

expectador dos acontecimentos, seu posicionamento é de passividade, de depender do investimento de outros.

Ao longo de nossa apresentação do conceito de Apostas enactantes, a serviço da docência, surgirão também outros conceitos que servem como suporte para entender o conceito de apostas enactantes, e que também estão interligados a esse conceito. Um desses conceitos é o de móbile, apresentado por Charlot (2000). Esse conceito tem relação muito íntima com o conceito de enação, pois trata-se da pulsão, da energia que mobiliza os sujeitos em suas ações.

Ao trazer o conceito de apostas enactantes, explicaremos como pensá-lo para compreender o posicionamento dos atores dessas escolas em relação à BNCC, na perspectiva do discurso elaborado, já que a Base ainda estava em processo de aprovação quando a pesquisa foi realizada nas duas primeiras escolas, e na terceira, a Base já tinha sido aprovada, mas ainda estava sendo estudada pela escola, antes de ser introduzida no currículo.

O tema sobre as apostas enactantes em educação foi escolhido por se tratar de algo ainda pouco conhecido no campo da Pedagogia. Nosso primeiro contato com o tema foi na disciplina Filosofia da educação I e II, através das aulas do professor Luiz Gonzaga Gonçalves. Trabalhamos o livro Educação: certezas e apostas (HANNOUN, 1998) durante todo o semestre.

A primeira vez que ouvimos na sala “apostas enactantes” isso nos provocou certo susto, seguido de um estranhamento. Na medida em que fomos conhecendo o conceito e descobrindo mais sobre sua possibilidade de aplicação na vida dos sujeitos, ficamos fascinados, e muito curiosos a respeito do tema.

Esse susto e estranhamento é percebido em qualquer pessoa que ouve falar do tema pela primeira vez. E a maioria dos estudantes que conheço do curso de Pedagogia, que não estavam na disciplina de filosofia da educação II, na turma em que estudei, desconhece o tema. Particularmente, sinto que é uma lacuna um graduando de Pedagogia ou de qualquer outro curso, desconhecer o tema. Por isso, venho através dessa pesquisa tentar mostrar esse conceito para que outras pessoas possam conhecê-lo e, se possível, praticá-lo.

A partir do que foi lido nos livros de Hannoun (1998), Varela (1992) e Charlot (2000), percebe-se que o tema também tem relevância social. É algo que já foi discutido por um número considerável de autores, doutores, e pelo próprio biólogo do conhecimento, Francisco Varela, que foi quem criou o termo enação. Então, esse pode ser um dos muitos temas com uma importância para a educação em geral, tanto a formal, quanto a informal.

Além disso, para o educador, sujeito que está sempre em busca de alcançar vários objetivos educacionais, supõe-se que a enação seja fundamental, pois todo educador, toda a educadora, precisa mudar de método a cada etapa do seu ensino, seja com o mesmo público, ou com um público diferente, não dá para usar a mesma “receita” para todos. Pois sabemos que os sujeitos e o mundo estão sempre em mudança.

Então podemos pensar nas apostas enactantes como algo que está ligado a nossas vidas sempre que precisamos sair de uma situação cômoda, ou precisamos buscar uma solução para algo. Na educação, vivenciamos a todo momento situações que não prevemos, e que não temos no momento nem resposta nem solução imediata.

A origem do neologismo *énaction*, usado por ele em francês, do qual Varela trata, vem do termo inglês *enaction* derivado do verbo *enact*, que significa ‘representar’, ‘por em ato’ ‘promulgar’ (uma lei), ‘efetivar’, relação íntima entre ação e agente no processo cognitivo. Este neologismo levou Hannoun a pensar a enação, a aposta enactante, como um pensamento-ação, sempre implicando uma realização que não se faz no lugar do outro, também como parte do contexto docente.

A ligação desse tema com a BNCC foi pensada porque a BNCC como uma política recente, e que está sendo avaliada para ser aprovada, merece uma atenção por parte dos pesquisadores, pois a discussão sobre esse tema é pertinente por se tratar de um documento que irá servir de base para o ensino fundamental nas escolas.

As apostas nesse caso são fundamentais pois os sujeitos pensantes e atuantes de políticas nas escolas terão de pensar em estratégias, apostas por assim dizer, ou não, em relação a forma como irão contextualizar a BNCC na sua escola. Tudo que tem relação com o sujeito e o conhecimento pode ser de interesse educacional. O campo educacional é cheio de lacunas e incompletudes, tudo o que possa trazer possibilidades de melhoria é sempre bem-vindo, ora, não são justamente as inovações de que tanto se fala que devem chegar à educação? Será que esse conhecimento no qual as apostas enactantes estão na origem tem algo que mereça destaque ou consideração pela Pedagogia?

Tentaremos descobrir por meio desta pesquisa de campo se as apostas enactantes têm algo de inovador para ser inserido, para entender o que acontece na educação. Ou se ao menos é algo que possa ser discutido a respeito.

Nossa questão de pesquisa é se as apostas enactantes e expectantes têm relação com a prática dos atores destas escolas pesquisadas ao pensarem sobre a BNCC. Nosso objetivo geral é compreender se os atuantes de políticas ao pensarem na reformulação do currículo da

escola, de acordo com a BNCC e a realidade da escola, encontram-se em posicionamento de enação, e apostam ativamente na realização de um projeto próprio.

Nossos objetivos específicos, pretendemos perceber se os conceitos de enação e de mobilização estão presentes na participação dos atores de políticas em relação a BNCC; tentaremos identificar aspectos do conceito de apostas enactantes, ou de apostas expectantes que, de alguma forma, posicionem os atores de políticas a pensarem maneiras de não perderem sua autonomia quando a BNCC for colocada em prática; descobrir através dos discursos dos atores de políticas educacionais nas escolas o que eles sabem sobre a BNCC e o que isso vai implicar em sua atuação docente; investigar se há em relação aos discursos sobre a BNCC algum tipo de concordância ou discordância ativas ou passivas.

1.2-A metodologia utilizada na pesquisa:

Os procedimentos metodológicos utilizados nessa pesquisa foram uma entrevista semiestruturada com os atores de políticas das escolas, o registro dos diálogos com eles e observações simples, realizados nos anos de 2017 e 2018, e os referenciais teóricos citados acima.

A entrevista foi escolhida como um dos meios para a coleta dos dados, por se tratar de um meio mais direto de se obter as informações desejadas e conseguir respostas mais direcionadas referente às questões mais importantes para a pesquisa.

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despretensiosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. (MINAYO, 2001, p. 21)

Em relação ao modelo de entrevista, Minayo (2001, p. 22) diz que as entrevistas podem ser estruturadas e não-estruturadas, na qual é possível trabalhar com a entrevista aberta ou não-estruturada, onde o entrevistador aborda livremente o tema em questão; bem como, com as estruturadas, nas quais as perguntas são previamente formuladas. Há formas que articulam essas duas modalidades, caracterizando-se como entrevistas semiestruturadas.

O modelo de entrevista adotado foi a semiestruturada, pois fizemos perguntas formuladas previamente, mas ao longo da entrevista surgiram perguntas que não estavam no roteiro, pois as falas de alguns participantes exigiam um esclarecimento das ideias que os entrevistados estavam expressando no momento da entrevista.

A observação simples é aquela situação na qual o pesquisador observa de maneira espontânea o grupo ou a situação que está estudando, segundo Gil (2011, p 101). Nesta pesquisa foram observadas as atitudes dos atores políticos das escolas em relação a disponibilidade para concederem a entrevista, a postura dos atores entrevistados, e algumas situações nas escolas que dificultaram ou facilitaram a coleta dos dados.

Na observação simples, Gil (2011, p. 102) diz que “embora não existam regras fixas acerca do que observar, há itens que, em virtude de serem simplificativos, costumam ser considerados pelos pesquisadores: ” Os sujeitos, o cenário e o comportamento social. O autor ainda acrescenta que um dos maiores desafios neste tipo de pesquisa é o significado dado ao que foi observado.

A nossa pesquisa é do tipo qualitativa, visto que os dados foram os discursos dos sujeitos entrevistados, e é com base em dados subjetivos, ou seja, dados que não são quantificáveis, pois como diz Richardson (2009, p. 79) “o método qualitativo difere, em princípio, do quantitativo à medida que não emprega um instrumento estatístico como base do processo de análise de um problema. ”

Outro ponto muito importante do qual Gil (2001, p. 103) fala é o registro das observações feitas durante o estudo. Que estas devem ser feitas no momento em que ocorre a situação observada. Durante as observações nas escolas estudadas, foram feitas anotações em um diário para que os acontecimentos fossem registrados de forma que não fossem esquecidos depois.

No momento da análise do que foi observado, os registros foram retomados para que pudesse ser feita uma nova leitura daquilo que foi visto no momento da observação. O que foi relatado de forma escrita ajudou muito, pois foi possível lembrar das situações e sujeitos com o olhar mais direcionado sobre estes, e relacionando com o conteúdo da pesquisa.

O campo empírico da nossa pesquisa foram as três escolas públicas de João Pessoa-PB, uma da rede municipal, uma da rede estadual, e outra federal. A pesquisa nessas três escolas foi feita com o propósito de se realizar um estudo comparativo entre essas escolas de redes de ensino diferentes, porém públicas, e de localização espacial próximas e com atendimento à um público mais ou menos semelhante.

Os instrumentos de coleta de dados foram: Gravadores, roteiros semiestruturados de entrevista e cadernos para anotações. E as estratégias para analisar os dados da pesquisa foram as interpretações das respostas dos entrevistados, a partir do conceito de apostas enactantes e das apostas expectantes; a comparação das falas destas entrevistas com as respostas mais frequentes e os relatórios das observações feitas no campo da pesquisa, com o referencial teórico lido na pesquisa.

Antes da realização das entrevistas, conversamos com os sujeitos para esclarecer que a entrevista seria gravada, para que estes decidissem se ficariam confortáveis que suas falas fossem gravadas. Foi explicado também que as entrevistas continham poucas perguntas, então sua duração ia depender das respostas dadas a cada pergunta.

O instrumento de coleta de dados definitivo (fichas, questionários etc.) deve ser discutido com os colaboradores para evitar qualquer dúvida em seu conteúdo. Em seguida, deverá ser descrito o procedimento de sua aplicação definitiva, definindo-se a ordem de aplicação deles e determinando-se o prazo de coleta geral da pesquisa. Outro aspecto

que poderá ser determinado é a época/e ou o momento apropriado para as entrevistas. (RICHARDSON, 2009, p. 68)

O processo de coleta das entrevistas foi muito difícil, pois havia uma resistência muito grande por parte dos professores em dar as entrevistas. Alguns alegavam falta de tempo, outros diziam que não se sentiam à vontade para falar da BNCC, seja porque não sabiam falar, ou não tinham conhecimento em relação ao documento.

A resistência em conceder as entrevistas foram mais nas duas primeiras escolas Aruanda e Desembargador Braz Baracuhy. Na Escola de Educação Básica, da UFPB, as professoras foram mais solícitas. Na escola Aruanda, o motivo das recusas de entrevista era justificado pelos professores com o argumento de que não tinham tempo. Na Des. Braz Baracuhy, o motivo era a falta de conhecimento sobre o que era a BNCC. Na escola de Educação Básica duas professoras recusaram com argumentos de que não se sentiam à vontade para falar.

Algumas professoras acabaram cedendo quando foi explicado que as falas delas eram importantes para o estudo, independente de terem ou não domínio sobre o assunto. Era perceptível o receio de julgamento por não conhecerem a BNCC, no caso dos entrevistados da Escola Braz Baracuhy, ou por não terem domínio sobre o assunto, no caso dos outros professores de alegaram insegurança sobre a temática.

3- O CONCEITO DE APOSTAS ENACTANTES E EXPECTANTES

Os documentos para explicar o conceito de apostas enactantes a serviço da educação foram os livros: Educação: Certezas e apostas, de Hubert Hannoun (1998); Sobre a competência Ética, de Francisco Varela (1992) e Da relação com o saber: elementos para uma teoria, de Bernard Charlot (2000).

Francisco Varela, com o conceito de apostas enactantes, ou da enação, afirma um modo de atuar: “é o fazer emergir mediante a manipulação concreta” (VARELA, 1992, p. 18). É algo que surge da ação do sujeito em relação direta com a sua experiência. O sujeito é protagonista no ato do conhecer e fazer. Poderia falar de enação no campo educacional, segundo Hannoun, como conhecimento em ação. Para ele, “[...] o mundo é enactado, emerge de modo criativo do próprio ato de ser conhecido” (HANNOUN, 1998, p. 136). Segundo ele, no agir, “não é sujeito apenas, nem objeto apenas: é sujeito objeto. É realmente o filho do casamento consumado entre a inteligência e o mundo”. (HANNOUN, 1998, pag. 137). Ou seja, sujeito e conhecimento têm uma relação que implica na própria ação de conhecer o mundo no qual ele está vivenciando e atuando como determinante fundamental do seu presente e futuro. É Aquele que age conhecendo e, ao mesmo tempo, tem uma direção de onde pretende chegar.

Tudo o que do homem surge seja pensamento ou ação implicará resultado, que tem por fator causal o seu próprio agir. E esse resultado não só traz consequências específicas para ele, como para os outros sujeitos e para o próprio mundo à sua volta. Desse modo:

A noção de enação, por tanto, subjaz a uma antiga ideia das correntes fenomenológicas: não existem mundo em si, sujeito em si, objeto em si. O mundo que vivencio é meu não só porque tem as marcas de minha pessoa, mas porque eu o crio ao participar do co-nascimento, criando-me a mim mesmo enquanto o concebo (HANNOUN, 1998, p. 139)

Assim para Hannoun, não existe uma separação entre mundo e sujeito, ambos existem a partir da relação de um com o outro, de um no outro. O sujeito enquanto vive no mundo se constrói a partir de suas experiências no mundo ao mesmo tempo em que constrói o seu mundo feito por ele. Não se fragmenta o que é apenas sujeito, apenas objeto e apenas mundo. Suas essências estão interligadas.

O mundo existe porque temos consciência dessa existência, e essa consciência faz com que surja a necessidade de conhecê-lo, entendê-lo e modificá-lo. Ao fazermos essas três coisas, estamos também nos conhecendo, nos entendendo e nos modificando. O nosso confronto com o mundo nos faz pensar e agir sobre ele, seja atrás de respostas, ou de soluções, isso faz com que busquemos cada vez mais conhecê-lo, e esse interesse por conhecimento é impulsionado por algo que nos move a entrar em ação.

Pensando nesse interesse pela busca de algo, nesse caso, pela busca do conhecimento, Hannoun (1998) também traz o conceito de móbil, inclusive trabalhado no livro “Da Relação com o saber”, de Bernard Charlot (2000). Esse conceito de móbil está intimamente ligado ao conceito de enação, e é essencial para entendê-lo.

Segundo Charlot (2000, p. 55), mobilização é o que o ser humano faz para desenvolver qualquer atividade. O móbil é “a razão de agir”. Porém, não é o objetivo em si, é o que me faz buscar esse objetivo. Para ele, mobilização ou móbil é uma condição humana fundamental, pois é isso que está no ponto de partida de qualquer ação. Reforçando a ideia de mobilização: ou seja:

“Mobilizar é pôr recursos em movimento. Mobilizar-se é reunir suas forças, para fazer uso de si próprio como recurso. Nesse sentido, a mobilização é ao mesmo tempo preliminar, relativamente à ação. (a mobilização não é a guerra...) e seu primeiro momento (... mas indica a proximidade da entrada na guerra)” (CHARLOT, 2000, p. 55).

É importante também estabelecer a diferença feita por ele dos conceitos de móbil e motivação. O móbil é algo que vem de dentro para fora. Um desejo interno de obter algo por algum desejo que impulsiona o indivíduo à determinada ação.

A motivação é algo que vem de fora para dentro, alguém ou algo o encorajou a fazer uma atividade. Por exemplo: Um aluno que não se importa em passar de ano é motivado por seus familiares a estudar para a prova final, a fim de que, se ele passar, receberá um prêmio. Ele irá estudar, mas seu objetivo principal não é passar de ano, e sim receber o prêmio. Porém para receber o prêmio ele terá que estudar. Ele foi motivado a estudar, para conseguir seu prêmio, essa motivação o fez se mobilizar para alcançar esse prêmio.

Nesse caso, o móbil foi ativado por algo que veio de fora, trazendo para ele um novo desejo, que ativou o móbil interior. Porém o móbil foi ativado para alcançar o objetivo de receber um presente, e não com o objetivo de aprendizagem, como deveria ter sido. Mas ainda assim, continua sendo um exemplo de mobilização, mesmo de intensidade inferior.

Sendo assim, o móbil não se separa totalmente da motivação, pois através de algo ou alguém que me motivou, seja possível ativar meu desejo de mobilizar-me para algo que seja do meu desejo agora conseguir, por interesse próprio. Como no caso do exemplo acima. Em que o aluno foi motivado a conseguir algo, que ativou sua vontade de se mobilizar.

Charlot faz menção a essa semelhança entre os dois conceitos, quando diz: “é verdade que, no fim da análise, esses dois conceitos convergem: poder-se ia dizer que eu me mobilizo para alcançar um objetivo que me motiva e que sou motivado por algo que pode mobilizar-me” (CHARLOT, 2000, p. 55). Ou seja, o móbil não é apenas um desejo inconsciente, eu me mobilizo por influência do momento, sem saber onde minha ação pode me levar. Ele é, também, consciente, eu me mobilizo para obter um fim desejado por mim.

Por isso, o móbil também não pode ser confundido com o impulso, pois no impulso a ação é feita antes da reflexão. É algo que não foi pensado com calma, e é totalmente inconsciente. Logo, é mais como um reflexo rápido, um estalo, que faz o sujeito agir apenas por um desejo momentâneo.

Para explicar melhor essa diferença, o autor fala: “...constitui-o como sujeito e mantém a dinâmica do desejo, que não pode ser reduzido a uma pulsão orgânica em busca de objeto” (CHARLOT, 2000, p, 53). O móbil, pois, é um desejo mais duradouro. Uma vez que o sujeito tem uma inquietude, um sentimento forte de realizar algo, provocado pelo móbil, não se deixa ser confundido por nada. Faz-se uma busca incessante por essa realização e todo o processo de busca é pensado com calma, com reflexão acerca dos objetivos e consequência.

É o móbil que o leva ao encontro enactante com o mundo. Por isso, há uma relação muito íntima, ousaria até dizer, inseparável, da mobilização e da enação. Eu só entro em ação através da mobilização. Essa relação entre os dois conceitos é evidenciada nesse trecho do livro *Da relação com o saber*:

A criança mobiliza-se em uma atividade, quando investe nela, quando faz uso de si mesma como um recurso, quando é posta em movimento por móveis que remetem a um desejo, um sentido, um valor. A atividade possui, então, uma dinâmica interna. Não se deve esquecer, entretanto, que essa dinâmica supõe uma troca com o mundo, onde a criança encontra metas desejáveis, meios de ação e outros recursos que não ela mesma (CHARLOT, 2000, p. 55).

Ou seja, quando ele fala que essa dinâmica supõe uma troca com o mundo, podemos entender essa troca como a enação, como sujeito em ação com o mundo, no mundo. Na

medida em que, para mobilizar-me eu preciso entrar em ação, estarei também ao mesmo tempo, enactado a esse mundo.

Para se entender ainda o conceito de apostas enactantes, Hannoun (1998) traz uma explicação de apostas enactantes e apostas expectantes. As apostas expectantes são apostas em que o sujeito é passivo na ação. Implica numa espera passiva pelo resultado final do acontecimento. E esse resultado não tem ligação com o sujeito, não é mérito seu, caso venha a dar certo, e nem o afeta profundamente, caso dê errado. O sujeito é espectador da ação do outro, o que ele pode fazer é apenas torcer para que a ação dê certo ou não.

Diante de uma problemática cujas contingências não dependeriam de minha iniciativa, aposto na eficácia da solução A, e não da solução B. Se A dá certo, a aposta está ganha; contudo, nesse caso, não terei participado nem da previsão nem da realização desse sucesso. Esperei passivamente o veredicto dos fatos sem sequer os haver previsto com precisão. Constatei um efeito para o qual não participei de forma alguma. (HANNOUN, 1998, p. 130)

Nesse caso, o sujeito está sendo apenas um torcedor, como em uma partida de futebol, na qual o torcedor aposta em um dos dois times, porém tem que esperar sentado até que o jogo acabe para que ele possa saber quem venceu, e nada pode fazer para que o time no qual ele está torcendo vença.

Hannoun ainda fala de uma segunda forma de aposta expectante, aquela em que o sujeito é totalmente indiferente ao acontecimento. Aposta somente porque tem que escolher uma ou outra opção.

Diante de uma escolha entre A e B, e na minha ignorância de A e de B, eu não teria razão alguma para optar por um ou por outro. Sou indiferente a ambos. Por isso, vou *apostar* (destaque do autor) num ou noutro por motivos e móbeis que, de qualquer modo, escaparão à minha livre discriminação dos valores. Escolhi A, embora conscientemente pudesse ter escolhido B. Fiz isso porque era preciso escolher. E, uma vez feita a escolha, de algum modo sem mim, vou esperar o desenrolar dos fatos que me recompensarão se der A. (HANNOUN, 1998, p. 130)

A aposta enactante é aquela em que o sujeito aposta e entra em ação para conseguir realizar o projeto que pensou, ou investiu, de maneira que este projeto tenha os resultados que o apostador previu, e que seja um projeto ajustável.

A aposta que interessa à educação, do ponto de vista de Hannoun (1998, p. 131), não é expectante, mas sim, a enactante: “fazemos uma **aposta enactante** que implique, ao mesmo tempo, a representação de um projeto e a ação prática para sua realização” (destaque do autor).

A BNCC nesse caso, é um projeto no qual os atores de políticas das escolas devem pensar conscientemente sobre, para que estes possam posicionar-se diante dela, seja aceitando-a, ou contestando-a. E pensando sua ação em relação a seus posicionamentos, para que sua autonomia enquanto docente esteja sempre presente em sua atuação.

Sendo assim, apostas enactantes implicam no investimento em uma ação que me trará possíveis resultados positivos ou negativos. Porém, o sujeito que aposta sempre almejará que o seu resultado seja o melhor possível, por assim dizer, que seja um resultado positivo. Mas sem ignorar a possibilidade de o resultado não ser como ele esperava, ou seja, que esse resultado seja negativo, o que levaria o apostador enactante a rever seu projeto.

Ou Seja, eu penso um projeto, e o coloco em prática com finalidade de obter bons resultados, que até então, eu desconheço, mas que posso passar a conhecê-los através de uma ação em busca deles. Impulsionado por um desejo interno, o móbil, que faz movimentar-me em direção ao que pretendo concretizar, que até então, só existe enquanto pensamento. E novamente lembrando, que não implica na certeza de que esses resultados serão bons, mas é um risco que se corre a fim de se chegar a um conhecimento novo e útil.

Trazendo as apostas enactantes para o campo educacional, Hannoun (1998, p. 140) afirma que a educação implica uma emergência, uma criação e uma aposta. A educação emerge da interação homem e mundo, e dessa interação surgem os desafios a serem superados, problemas a serem solucionados, ou ao menos entendidos. Esses problemas também são de responsabilidade da educação. E dessa responsabilidade nasce o sentimento de buscar, apostar em novos meios de chegar a um conhecimento.

A enação está diretamente ligada à educação no livro de Hannoun (1998 p. 141), o que está evidenciado no parágrafo onde o autor fala que a educação é enactada porque é pensada e realizada por um grupo humano, num contexto historicamente determinado. Esse grupo entra em ação por meio do conhecimento para pensar a educação com objetivo de formular um planejamento desta, com o objetivo de melhorá-la cada vez mais e de adaptá-la às necessidades do seu público diversificado. A todo o momento, a educação precisa ser revista, pois os seres humanos e o mundo mudam constantemente, e com essas mudanças também mudam as suas necessidades e desafios.

A forma que os educadores e os cientistas da educação podem encontrar como uma maneira de solucionar problemas educacionais é apostando e entrando em ação nessa aposta, para que novos métodos educacionais sejam criados. Todo e qualquer campo, mas principalmente o educacional, exige uma aposta naquilo que ainda não foi testado, mas que pode trazer um avanço para este determinado campo. Assim,

A aposta enactada exige que eu pense meu projeto (no caso, o pressuposto educacional) e que aja para participar de seu sucesso, que faça seu sucesso. Não me contento em formular uma pergunta a um mundo que me é exterior, cuja resposta espero. Penso meu projeto como válido e ajo no sentido de que ele venha a sê-lo. Esse projeto não é predefinido como viável ou não. É minha ação, a saber, sua confrontação com as condições ambientais, que produzirá seu sucesso. (HANNOUN, 1998, p. 145-146)

Essa ligação das apostas enactantes e a educação, para Hannoun, vai desenvolvendo-se ao longo do terceiro capítulo do seu livro para que o leitor perceba onde há ligações de uma com a outra e como se dá essa ligação. Mas como podemos perceber essa relação na prática?

Antes de falarmos sobre as apostas enactantes no contexto educacional, mais especificamente em relação aos atores de política educacional nas escolas e da Base Nacional Comum Curricular, vamos buscar entender o que é a BNCC, sob a perspectiva do Ministério da Educação (MEC) e de alguns pesquisadores do assunto.

4- A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) segundo o MEC é um documento que define os conteúdos essenciais que devem ser ensinados na educação Básica. Na introdução em relação às contribuições da Base Nacional Comum Curricular consta que:

A BNCC integra a política nacional da Educação Básica e vai contribuir para o alinhamento de outras políticas e ações, em âmbito federal, estadual e municipal, referentes à formação de professores, à avaliação, à elaboração de conteúdos educacionais e aos critérios para a oferta de infraestrutura adequada para o pleno desenvolvimento da educação (BRASIL, 2017, p. 8).

Um dos marcos legais que o MEC usa para justificar a necessidade de uma Base Comum Curricular é de que esta necessidade é apresentada na Constituição de 1988, no artigo 210, ali se afirma: os conteúdos mínimos serão determinados para o ensino fundamental com propósito de assegurar uma educação básica comum e respeito aos valores artísticos, culturais, regionais e nacionais. (BRASIL, 2017, p. 8)

Este mesmo texto do MEC (2017, p. 9) cita que no artigo 9º da LDB também está sinalizada a necessidade de se estabelecer um currículo que norteie a educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.

Sabemos que estes dois textos falam em Educação Básica Comum, e não em Currículo comum, pois já tínhamos um Currículo Nacional que eram as Diretrizes Curriculares Nacional da Educação Básica do ano de 2013, porque precisaríamos de outro currículo?

A criação de um Currículo nacional é de cunho direitista, a ideia de uma cultura comum, que segundo Apple (2011, p. 91) presente no currículo nacional é uma forma política cultural, que em meio a tanta diversidade cultural, política e religiosa, vem a política cultural da direita que pretende “superar” (destaque do autor) esta diversidade.

O MEC apresenta a construção da BNCC de forma muito linear, e como se tivesse sido construída com o consenso da população em geral, mas a construção deste documento foi um processo tumultuoso e cheio de lutas contra a sua construção.

Um currículo nunca é apenas um conjunto neutro de conhecimentos [...]. Ele é sempre parte de uma *tradição seletiva* (destaque do autor), resultado da

seleção de alguém, da visão de algum grupo acerca do que seja conhecimento legítimo. É produto das tensões, conflitos e concepções culturais, políticas e econômicas que organizam e desorganizam um povo (APPLE, 2011, p. 71).

No texto de apresentação da BNCC (BRASIL 2017, p. 5), na época em foram realizadas as entrevistas nas duas escolas, Aruanda e Braz Baracuhy, falava-se que a BNCC estava na sua terceira versão, que é complemento da segunda versão, e estava sendo encaminhada para o Conselho Nacional de Educação (CNE). Quanto à democratização no processo de construção da BNCC o texto mostra que

A primeira versão do documento foi disponibilizada para consulta pública entre outubro de 2015 e março de 2016. Nesse período, ela recebeu mais de 12 milhões de contribuições – individuais, de organizações e de redes de educação de todo o País –, além de pareceres analíticos de especialistas, associações científicas e membros da comunidade acadêmica. (BRASIL, 2017, p. 5).

Fala ainda que a BNCC resultou de amplo debate com os atores da educação e sociedade brasileira, e que a Universidade de Brasília (UnB) e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) subsidiaram a construção da segunda versão do documento da Base Comum Curricular.

A Base deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, em todo o Brasil. Ela vem sendo discutida desde 2015 em articulação e colaboração com estados, Distrito Federal e municípios, e foi entregue ao CNE em 6 de abril. O documento encaminhado pelo MEC ao Conselho Nacional de Educação refere-se à educação infantil e ao ensino fundamental. A proposta referente ao ensino médio será encaminhada posteriormente (BRASIL, 2017).

Diferentemente do que é apresentado pelo MEC, a BNCC não é um documento tão simples e de fácil “aplicação” no contexto da prática. Albino e Pereira falam sobre alguns questionamentos a se considerar nos debates sobre a BNCC:

Como a BNCC poderá contribuir para minimização das desigualdades sociais? A BNCC pode se tornar um mecanismo de forte exclusão e de negação da emancipação do sujeito? Como o currículo pensado a partir dessa base nacional comum pretende formar sujeitos conscientes politicamente, críticos e criativos? Como propiciar uma formação docente que contribua para o desenvolvimento de currículos comprometidos com a transformação dos alunos e alunas? (ALBINO e PEREIRA, 2015, p. 14)

É importante consultarmos alguns autores diferentes para conhecermos um outro ponto de vista, o de que a BNCC é um documento que será trabalhado nas escolas, e que precisa se adequar ao contexto de cada escola. As autoras, citadas acima, não querem aqui criticar a BNCC ou dizer que o documento não deva ser considerado na atuação dos sujeitos atores de políticas nas escolas. Elas apenas dizem para que esse ator tenha um olhar cuidadoso, que ele reflita sobre o que está proposto, que ele tente encontrar meios de fazer a proposta funcionar em sua escola. Visando sempre a realidade e necessidades do seu espaço de atuação. Isso fica bem evidente quando Albino e Pereira falam que:

É preciso reconhecer os limites de qualquer BNCC, mas também entendemos que é preciso dizer algo sobre, pois, negar também essas escolhas nacionais ou deixá-las flutuantes têm corroborado para situações cada vez mais explícitas de desigualdade educacional (ALBINO e PEREIRA, 2015, p. 30).

Isso quer dizer que, os sujeitos devem estar cientes do seu papel crítico diante de um documento como esse, nem ser refém dele, e nem ser alheio a ele. O modelo final da BNCC mostra o “passo a passo” do que se deve estudar em cada ano, de acordo com a idade de cada aluno, e diz até que competências o aluno deve adquirir ao final de cada série. De acordo com o documento da BNCC:

Ao longo da Educação Básica – na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio –, os alunos devem desenvolver as dez competências gerais que pretendem assegurar, como resultado do seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, uma formação humana integral que visa à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. (BRASIL, 2018. p. 23).

Os professores que irão atuar sobre esse documento poderão assegurar o aprendizado dessas dez competências? A justificativa do estabelecimento dessas competências é de que se pretende construir uma sociedade justa, democrática e inclusiva, mas ao mesmo tempo apontam o que, como, e para que os professores devem ensinar, deixando-os sem autonomia para desenvolver sua prática educativa, na medida em que se coloca um manual de instruções para ser seguido à risca por esses educadores. Veremos agora quais são essas competências:

Figura 1¹. As dez competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular para a Educação Básica.



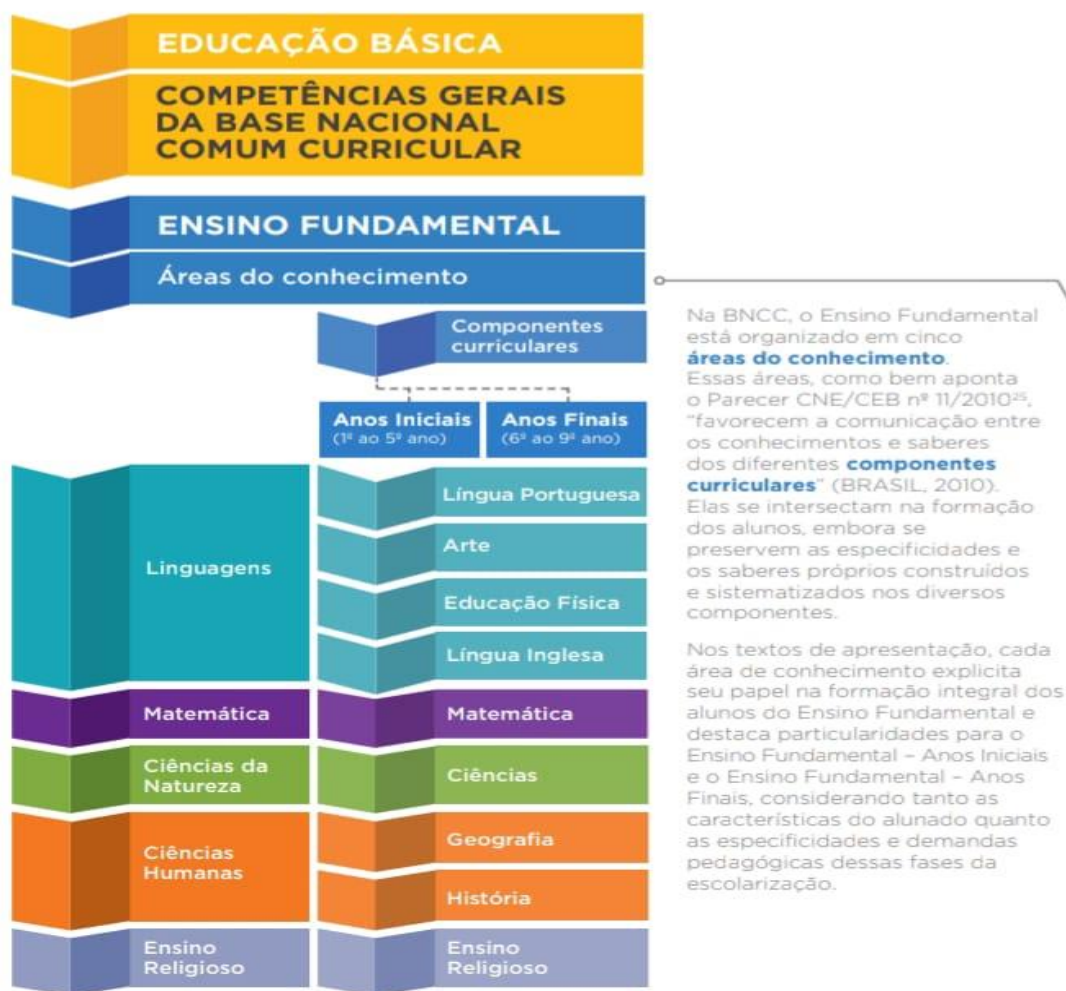
Fonte: TUNEDUC. Desenvolvimento das Competências Gerais da BNCC.

Fonte: TUNEDUC. Desenvolvimento das Competências Gerais da BNCC.

Mostraremos a seguir um pequeno recorte do documento da BNCC onde são apresentadas as competências e disciplinas obrigatórias no ensino Fundamental:

¹ Disponível em: https://www.tuneduc.com.br/competencias-gerais-da-bncc/?gclid=CjwKCAjwy7vIBRACEiwAZvdx9tZHNC9Sv88nA2pAOJKIIOY4FWRK7MT5oWr-HQM26GyOJy8dJ1ymaRoChrAQAvD_BwE

²Figura 2. Competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular: Ensino Fundamental.



Fonte: BRASIL, Base Nacional Comum Curricular, 2017.

Além das competências gerais, também são apresentadas as habilidades que devem ser ensinadas e aprendidas. No documento são apresentadas não só as disciplinas obrigatórias, como vemos acima, mas também os conteúdos que devem ser ensinados em cada disciplina.

² Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf . Acessado em: 10 de janeiro de 2019.

Segue um exemplo dos conteúdos que devem ser ensinados no 6º ano do Ensino Fundamental, com relação a área do conhecimento de Ciências Humanas referente ao ensino de História.

³Figura 3. Quadro das unidades temáticas e objetos de conhecimento

HISTÓRIA – 6º ANO		
UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	
História: tempo, espaço e formas de registros	A questão do tempo, sincronias e diacronias: reflexões sobre o sentido das cronologias	
	Formas de registro da história e da produção do conhecimento histórico	
	As origens da humanidade, seus deslocamentos e os processos de sedentarização	
A invenção do mundo clássico e o contraponto com outras sociedades	Povos da Antiguidade na África (egípcios), no Oriente Médio (mesopotâmicos) e nas Américas (pré-colombianos)	
	Os povos indígenas originários do atual território brasileiro e seus hábitos culturais e sociais	
	O Ocidente Clássico: aspectos da cultura na Grécia e em Roma	
Lógicas de organização política	As noções de cidadania e política na Grécia e em Roma <ul style="list-style-type: none"> • Domínios e expansão das culturas grega e romana • Significados do conceito de "império" e as lógicas de conquista, conflito e negociação dessa forma de organização política As diferentes formas de organização política na África: reinos, impérios, cidades-estados e sociedades linhageiras ou aldeias	
	A passagem do mundo antigo para o mundo medieval	
	A fragmentação do poder político na Idade Média	
	O Mediterrâneo como espaço de interação entre as sociedades da Europa, da África e do Oriente Médio	
Trabalho e formas de organização social e cultural	Senhores e servos no mundo antigo e no medieval	
	Escravidão e trabalho livre em diferentes temporalidades e espaços (Roma Antiga, Europa medieval e África)	
	Lógicas comerciais na Antiguidade romana e no mundo medieval	
	O papel da religião cristã, dos mosteiros e da cultura na Idade Média	
	O papel da mulher na Grécia e em Roma, e no período medieval	

Fonte: BRASIL, Base Nacional Comum Curricular, 2017.

As duas ilustrações servem para que possamos ter uma pequena ideia do formato em que as áreas do conhecimento e os conteúdos estão sendo apresentados na BNCC.

³ Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf . Acessado em: 10 de janeiro de 2019.

5- BNCC, APOSTAS ENACTANTES E EXPECTANTES: O QUE OS ATORES POLÍTICOS DAS ESCOLAS PESQUISADAS TÊM A DIZER?

Nesse caso, estudaremos as falas dos sujeitos em relação a BNCC, para sabermos o que eles acham do novo documento e se, de alguma forma, eles pensam em estratégias para recontextualizar o documento, de forma que tenham autonomia mesmo sendo um documento que define todo o ensino dos professores. Essas estratégias serão, possivelmente, a aposta que eles pensarão ou não em fazer. Ou se eles pretendem apenas seguir o documento tal qual está proposto. E até mesmo se terá alguma resistência em conhecer ou pensar em seguir o documento.

Essa pesquisa de campo também fez parte de uma atividade do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), no ano de 2017, ao qual eu e outra aluna fomos para duas escolas para buscarmos informações do que os atores de política sabiam e esperavam da Base Nacional Comum Curricular. Então, eu, com autorização da minha orientadora, utilizei esses dados para o meu Trabalho de Conclusão de Curso e acrescentei mais alguns dados colhidos, por minha iniciativa na Escola de Educação Básica da UFPB, pesquisados em 2018, o que foi sugerido pelo meu orientador do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC).

5.1- Apostas dos atores da Escola Aruanda.

Nossa primeira visita foi na Escola Municipal Aruanda, no bairro Bancários. Falamos com a diretora, nos apresentamos e explicamos o motivo da visita. Ela disse que a gente poderia fazer nossa pesquisa na escola, que poderíamos olhar o PPP da escola, mas que na escola não tinha nenhum documento que falasse algo sobre a Base Nacional Comum Curricular.

Disse ainda que não esperássemos ouvir nenhum comentário, debate, nem nada do tipo em relação à Base na escola, pois esse assunto já tinha sido discutido no ano passado, e que esse ano eles não falaria mais disso. Ela também sugeriu que a gente fizesse as entrevistas da qual falamos para ela que faríamos, e disse que essa seria a única informação sobre a BNCC que conseguiríamos por lá.

Disse também que a escola participou da construção de um documento com sugestões dos conteúdos que os professores achavam importantes, e os assuntos a serem estudados, e que esse documento foi enviado para a Prefeitura de João Pessoa, junto com

documentos de outras escolas, mas que ela não tinha mais esse documento para nos mostrar. Pois estava no computador que havia queimado, e todos os documentos foram perdidos.

Tentamos ver o PPP da escola, como a Diretora havia prometido, porém ela disse que aquele dia estava muito corrido e que deixássemos para a próxima visita. Ficamos um pouco desapontadas pela dificuldade de acesso ao PPP e ao atraso que isso causaria na pesquisa, mas decidimos não contrariar a Diretora.

Conseguimos ter acesso ao Projeto Político Pedagógico da escola. Procuramos pontos como: a possível presença da BNCC no documento, mas não encontramos nada relacionado. Vimos que no PPP falava sobre a história da escola, os valores e normas, seus projetos, em que teoria educativa a escola se baseia para seu ensino, bem como a concepção de currículo presente neste documento.

Percebemos que o documento é reorganizado a cada dois anos, de acordo com as ações realizadas na escola. Depois disso, ficamos observando um pouco a rotina da escola, e percebemos que os professores estão sempre ocupados, realizando tarefas para serem aplicadas em sala de aula. Sendo assim, era visível que seria um pouco difícil realizar as entrevistas.

Observamos também que na sala dos professores não havia muitos momentos de diálogos entre eles, constantemente estavam saindo para aula, entravam novamente para trocar o material e voltavam para a sala de novo. Quando procurávamos conversar, quase sempre afirmavam que estavam com pressa e atrasados para a aula.

Fomos a sala dos professores ver se conseguiríamos falar com algum deles. Ao chegar na sala tinha dois professores. Falamos com eles sobre as entrevistas, um disse que só faltavam 5 minutos para sua aula começar e outra professora disse que estava ocupada fazendo o planejamento da aula dela.

Ao perceber que estávamos esperando outros professores, uma das professoras falou que todos os professores ao sair de uma aula, já ia para outra sala e não teriam tempo de falar conosco. Então saímos da sala dos professores para ver se conseguiríamos falar com algum funcionário da secretaria. Na secretaria, todos disseram que estavam ocupados.

Fomos outro dia e conseguimos entrevistar um professor que estava na sala dos professores, os demais disseram estar ocupados. A fuga de alguns professores em conceder as entrevistas era bem evidente, eles falavam o tempo todo sobre falta de tempo, em ter muitas tarefas para realizar, e que o tempo entre uma aula e outra mal dava para se organizarem. O professor de Filosofia, por outro lado, se sentia muito afetado pela BNCC, foi possível ver isto em sua fala, e talvez por isso ele foi mais solícito em dar a entrevista.

Em relação ao que sabia sobre BNCC, o professor C disse: “[...] a BNCC tem passado por recentes reconfigurações, e reconfigurações estas talvez um tanto quanto temerosas para o futuro da educação do país”. Diante de tal afirmação, houve uma curiosidade para saber o motivo pelo qual ele achava essas reconfigurações temerosas, e a resposta que obtivemos foi: “Eu vou começar a falar a partir da minha área de conhecimento que a área de filosofia e a área de ensino religioso. São duas áreas que na BNCC estão sendo mutiladas, estão sendo minimizadas, colocadas como escanteio, como algo não obrigatório [...]” (Informação verbal)

Na fala acima, fica claro que o professor tem alguns rebatimentos em relação a BNCC. Ou seja, isso responde a um dos objetivos da pesquisa, que é saber se os sujeitos têm alguma resistência ao documento. A partir do momento em que o sujeito questiona a política que está posta, consegue apontar suas falhas, ou rejeita algum ponto do texto da política, nesse caso, da BNCC, que para ele é um ponto que prejudica seus alunos e sua profissão, no caso desse professor, o ensino de Filosofia e das ciências da religião, que segundo ele estão sendo “mutiladas” pela BNCC, é um rebatimento em relação a essa política. Ele continua a fala dizendo que não é do interesse do Governo do Estado que haja Filosofia a nível médio.

Porque a Filosofia é uma das únicas matérias que trabalha com criticidade política, com pensamento, com produção de identidade, com revisão de identidade, a gente rever a História, a gente faz filosofia da história, filosofia da ciência, filosofia da religião. (Informação verbal)

Ainda fala que a Filosofia é uma matéria que gera questionamentos e posicionamentos críticos que ameaçam o *status quo*. Ele discute relações de poder, quando diz que não é de interesse do governo que os alunos de escolas públicas desenvolvam criticidade, e aprendam a pensar, pois assim as pessoas que estão no poder não conseguiriam manter o *status quo* (informação verbal).

Esse é o pensamento que ele tem em relação à Base Nacional Comum Curricular, de que as intenções que estão por trás dela, é como disse Ball et al (2016, p 21) no primeiro capítulo do livro, que as “políticas são permeadas por relações de poder, [...]”.

Sabendo dessas relações de poder, este professor poderia pensar em apostar em meios nos quais ele consiga desenvolver a criticidade em seus alunos, mesmo com um documento que segundo ele, vem para “mutilar” essa criticidade? Este professor encontra-se em situação de apostador expectante forte em relação a Base, pelo fato de não ter o que fazer

diante do que está posto no documento, do qual ele se opõe completamente. O fato de ele estar em total oposição ao documento pode favorecer para que ele possa ficar propício à enação e ao móbil no que se refere a luta pela sua autonomia docente?

Em relação ao seu posicionamento sobre a BNCC, ele falou que era de espera, pois a BNCC ainda não estava definida, que estaria esperando a versão final para ver como ficaria, e que a versão que ele viu “não estava boa para nossos alunos” (Informação verbal).

Mais uma vez podemos destacar o descontentamento desse professor em relação a BNCC. Podemos perceber que seu posicionamento é de reprovação a última versão do documento, no qual ele afirma não está boa para “os nossos alunos”. Ele se preocupa com as consequências que a BNCC pode trazer aos alunos. Ball et al. (2016) falam que essas interpretações dos textos de políticas são colocadas em contraposição ao que mais está em jogo, quais as consequências que poderiam resultar em agir ou não em relação a determinada política. E para ele, a criticidade é uma coisa que está em jogo nas escolas públicas com a execução da política da BNCC como ela se encontra agora.

O descontentamento com algo pode ser o primeiro passo para ativar o móbil, a aposta enactante. A partir do momento que eu não estou contente com algo, eu teria duas alternativas: a primeira seria me conformar com a situação, a segunda seria apostar em uma forma de fazer a situação melhorar.

Porém o que se pode afirmar sobre o seu posicionamento em relação a Base, é de apostador expectante forte, não como o das professoras A e B da escola Des. Braz Bracuhy, pois elas eram expectantes fracas. A diferença entre eles é que o professor de Filosofia e Ensino Religioso tem algum conhecimento sobre a BNCC e já formulou um pensamento crítico em relação ao que está posto no documento, e este motivado pelo desejo de que a sua área de conhecimento não seja “colocada para escanteio”, tem potencial para desenvolver um móbil de apostador enactante, para defender a sua autonomia e o ensino do pensamento crítico em seus alunos. O professor C afirma que:

“[...] os fins da educação no nosso país são pura e meramente tecnocratas e a nossa escola muitas vezes ao invés de fazer o papel de educar, ela faz o papel de manter o status da sociedade.” E ainda deixa um questionamento: “Você acha que Filosofia é optativa para rico?”

Aqui o professor parece estar convicto de que a BNCC trará desigualdade de ensino entre escolas públicas e privadas. Porém referente à igualdade e equidade, o texto do MEC

(BRASIL, 2017) mostra que a escola deve ser aberta à diversidade, e que a experiência seja acessível a todos. Sendo assim, um “currículo nacional comum possibilitará que todos tenham acesso aos mesmos conteúdos promovendo a igualdade de ensino para todos” (BRASIL, 2017, p. 11). Mesmo assim o professor ainda se questiona quando a essa igualdade no contexto da prática.

A última pergunta feita ao professor C foi se houve debate sobre a BNCC na escola e ele disse que a BNCC sempre está no debate dos planejamentos, e nas conversas informais na sala dos professores. (Informação verbal).

Através dessa fala podemos ver que a BNCC foi discutida nessa escola. Não só por essa fala, mas também pela conversa informal que tivemos com a diretora, na qual confirmou que a escola participou da construção de um documento com sugestões de quais disciplinas eram mais importantes para os professores daquela escola. Esse documento foi solicitado pela Prefeitura Municipal de João Pessoa. Porém a fala dele é um pouco contraditória perante a fala da diretora pois ele deixa claro que os debates ainda acontecem de vez em quando.

Nesse caso, o “ato de conhecer”, do qual Hannoun (1998, p. 137) fala, está ainda em processo, pois mesmo eles tendo alguma noção do que é o documento, para conhecer de fato era preciso ter se apropriado de sua versão final. Os sujeitos conhecem a BNCC e debatem sobre ela. Resta saber como eles pretendem atuar nas escolas em relação a essa Base e se eles apostam em algum meio de ter autonomia no seu trabalho, mesmo atuando sobre o norteamento desta Base. Sobre como a escola está se preparando para receber a BNCC, ele disse que estão estudando, e que só haverá mudanças no PPP da escola quando a BNCC for homologada.

Encontramos a primeira professora a ser entrevistada naquele dia (outro dia de visita), chamaremos de Professora D. Ela era professora do 4º ano do Fundamental, sua formação é em Pedagogia. Ela aceitou participar, então começamos a entrevistá-la: ela falou que o que sabia sobre a BNCC é que é um Currículo onde estão os conteúdos que devem ser estudados nas escolas do ensino fundamental até o ensino médio. (Informação verbal). Sobre seu posicionamento em relação a Base ela afirmou:

Eu acho interessante que tenha uma padronização do que vai ser aprendido de norte a sul do país, mas eu creio que foi estranho dividir o conhecimento em áreas, porque se fala tanto em interdisciplinaridade, de se trabalhar de forma diferenciada é um pouco contraditório (informação verbal).

Esta professora ressalta na fala acima a questão da falta de interdisciplinaridade na proposta da BNCC em dividir o conhecimento em áreas. Porém acha positivo que haja um currículo comum em todo o país. Para ela, não há descontentamento total em relação à BNCC.

Em relação ao debate sobre a BNCC na escola, a professora D disse que no ano anterior ocorreu uma discussão em que os professores da escola pegaram o documento de consulta pública no site do MEC e dentro daquelas propostas e objetivos de aprendizagem colocaram os conteúdos que davam em aula. Ela ainda reforçou: “[...]ou seja está reafirmando novamente a divisão disciplinar que criticam tanto” (Informação verbal).

Ao perguntar sobre como a escola está se preparando para receber a BNCC ela disse que todo ano tem uma formação da prefeitura na escola e que de dois em dois anos há uma reformulação do PPP da escola, mas que este assunto ainda não foi abordado (informação verbal).

Interessante ela reafirmar o que a diretora disse sobre ter vindo uma formação sobre a BNCC para a escola, pois o primeiro professor entrevistado negou a existência dessa formação. Depois dessa professora, entrevistamos outra professora de uma turma da sala ao lado. Ela também aceitou participar.

Os professores que não se sentem ameaçados pela BNCC tratam a Base com uma certa indiferença, como se fosse algo a se pensar depois, que não merece muita atenção no momento. Por isso não se pode afirmar uma posição de enação e mobilização em relação a sua futura atuação na BNCC.

Ela destacou um ponto muito importante sobre a divisão de áreas do conhecimento, que é segundo ela contraditória pela falta de interdisciplinaridade. “O pensamento complexo no qual se enquadra a noção de enação pretende ser essencialmente tentativa de superação do dualismo que divide a realidade em dois mundos irreconciliáveis. ” (HANNOUN 1998, p. 135). A divisão das áreas do conhecimento dificulta nesse caso a superação desse dualismo, e também dificulta a enação, uma vez que a realidade fragmentada compromete o ensino para uma visão crítica de mundo.

A próxima Professora entrevistada é a uma professora do 6º ano, formada em História na UFPB, será chamada aqui de Professora E. Ela disse que o que sabia em relação ao documento era referente a uma formação da Prefeitura que há dois anos atrás solicitou que os professores elegessem alguns conteúdos que achavam importantes para fazer parte da Base. 60% dos conteúdos deveriam ser a nível Nacional e 40% a nível regional. Ainda afirmou que

na escola teve planejamentos em relação ao assunto, e que deram suas contribuições num documento que veio para a escola (informação verbal)

Outra vez foi afirmado que veio uma formação para a escola e um documento no qual a escola participou da construção relacionada a Base Nacional Comum Curricular. Então podemos constatar que deve ter havido um equívoco da parte do primeiro professor, em ter falado que não houve formação na escola a respeito da base. A Professora E disse sobre seu posicionamento em relação à BNCC, que acha interessante, pois:

[...] na prática recebemos alunos que vêm de outras regiões e vemos muitas vezes que o nível que o aluno se encontra está diferente do nosso” e cita o exemplo de um aluno que teve: “eu tinha um aluno que era do Acre e a gente percebia que ele tinha certa dificuldade com os conteúdos, porque ele não tinha estudado lá [...]. Então se essa base funcionar a nível nacional vai ser bom (informação verbal).

Aqui, outra vez, houve um posicionamento positivo em relação a um currículo com conteúdos padrões para todos. O primeiro posicionamento foi da professora B, citado a cima, e agora este. Nesta fala podemos ver que ela ressalta questões de igualdade de ensino, umas das propostas da Base citadas no documento: A Base (2017) que também citamos na fala do primeiro professor.

Ela falou que houve um debate na escola em 2015, no período em que o MEC sugeriu a discussão nas escolas, que foi solicitado pela Secretaria da Educação. E disse que foi dessa forma que a escola se preparou para receber a BNCC, que acredita que todo mundo está pensando que vai ser melhor (informação verbal).

Nessa entrevista, pode-se perceber mais otimismo em relação a BNCC do que nas outras entrevistas, nas quais foram citados alguns pontos negativos em relação à proposta da Base. Ball et al. (2016) destacam em seu livro que os otimistas e os críticos também desempenham um papel importante nas políticas. Em relação aos críticos ele disse:

[...] é importante não superestimar o papel de críticos de políticas, como representantes e ativistas sindicais, mas eles contribuem para o trabalho em

política e interpretação da política e podem tornar-se significativos no processo de política em certos momentos. (BALL et al., 2016, p. 90).

No caso dos otimistas, ele usa uma palavra semelhante: “Entusiastas também podem ser **modelos de política** (destaque do autor) ou como são chamados “influentes” - aqueles que encarnam a política na sua prática e são exemplos para os outros; protótipos de políticas.” (Ball et al, 2016, p. 88). Nesse caso ele usa entusiastas para definir um tipo de sujeito de política identificado em sua pesquisa, porém o sentido do entusiasta é bem semelhante ao do otimista.

Pode constatar-se na fala da Professora E que, ela aposta na Base, sua aposta nesse caso, será enactante se ela em contato com este objeto, que não foi de criação dela, anexar um projeto próprio no qual sua realização prática implique um resultado no qual não seria o de apenas reproduzir o que está escrito no documento. Algo que carregue as marcas do seu eu educador, e que principalmente faça a diferença para que seus alunos não fiquem enquadrados em uma política que os deixem com o pensamento meramente tecnicista. Mas por enquanto, não se pode constatar nenhuma evidência de aposta enactante.

Logo após entrevistá-la, nos dirigimos à quadra de esportes, pois estava tendo aula de Educação Física. Com o intuito de conseguir entrevistar o professor, mas ele não quis participar. Quando fomos procurar a professora da outra sala, que a diretora adjunta falou que estaria desocupada, ela disse que após o intervalo poderia falar conosco, então esperamos o intervalo começar e acabar, para falarmos com ela. Então começamos a entrevista.

Veremos agora a entrevista com a professora F, da turma do quinto ano da escola Aruanda. Sobre a BNCC ela disse que passou a ter conhecimento numa formação da prefeitura (informação verbal). Quanto ao posicionamento em relação ao documento ela disse:

“Eu penso que ela vai contribuir, porque, por exemplo, aqui na escola a gente pega um aluno que morava em São Paulo, ou no Sul, ele chega e ver conteúdos que a gente não deu, passa a ver conteúdos que nunca viu, assim ele fica muito atrasado ou muito adiantado em relação ao que a gente está ensinando. Deixar num nível para a nação no ensino dos conteúdos, acho que é favorável” (informação verbal).

Falou que houve debate e planejamento mensal sobre a BNCC na escola, e disse que por enquanto eles estão trabalhando com o livro didático, que a preparação na escola acredita

que ocorra quando a Base entrar em vigor, através de alguma orientação da equipe pedagógica da escola (informação verbal).

Mais uma vez a questão da padronização em relação aos conteúdos em todas as regiões do Brasil foi destacada como ponto positivo da BNCC. Todos que falaram a respeito disso mencionaram a facilidade nas transferências de alunos de um Estado para outro, no que diz respeito a conseguirem acompanhar o ensino em qualquer escola independentemente da região.

Aqui podemos ver mais uma professora que aposta na BNCC como algo que é favorável para os alunos, argumentando que todos terão o mesmo nível de conteúdos estudados. Mas será que os níveis de aprendizado serão os mesmos, só porque os conteúdos serão iguais? Para Hannoun (1998, p. 141) A educação que um grupo humano se dá é o resultado específico construído pelos parceiros do par humanidade-ambiente; é também um sistema que surge do encontro de um projeto humano nas condições ambientais dadas, situadas e datadas.

Apesar de a professora apostar na Base, não podemos afirmar que sua aposta será enactante, pois ela não demonstra nenhuma evidência de que fará seu próprio projeto para atuar sobre a Base sem que seja uma mera reprodutora do documento. Também não se posicionou quanto a sua autonomia em relação a essa política norteadora do currículo.

Contentes com as 3 entrevistas que conseguimos, tentamos entrevistar a diretora, que falou que estava muito estressada e pediu que aguardássemos 10 minutos que ela daria a entrevista. No início ela não queria gravar, pois disse que estava com pressa por estar cheia de coisas para fazer, mas como explicamos que precisávamos da gravação, para transcrever a entrevista corretamente, e não perdermos nenhum dado importante, ela permitiu que fizéssemos a gravação.

A Diretora começa dizendo que a Base foi uma preocupação para se construir um currículo único de Norte a Sul do Brasil, para que todas as regiões trabalhassem os mesmos conteúdos e nenhum aluno sofresse “choque” ou comprometimento da aprendizagem quando houvesse alguma transferência (informação verbal). Ela disse sobre seu posicionamento que:

[...]é importante na medida que seja contemplado aquilo que cada estado, cada município privilegiou nas suas escolas, no sentido de que de fato interessa e que não houvesse nenhum comprometimento na qualidade dos conteúdos e que houvesse de verdade um dimensionamento dentro dos conteúdos de forma que de Norte a Sul

todos os alunos tivessem o direito de aprender as mesmas coisas (informação verbal).

O posicionamento da Diretora em relação a Base também é semelhante ao das professoras D e E, porém, destacando que as características singulares de cada Estado, Região e Escola sejam respeitadas e que aprendizagem não seja comprometida.

Ela também reafirma o que falou nas conversas informais sobre a participação da escola num documento enviado à Secretaria de Educação opinando sobre a BNCC, e que houve uma formação na escola também sobre o tema. Em relação a como a escola está se preparando para receber a BNCC, ela afirmou que a escola vive preparada, que se houver alguma alteração a escola vai se adequar (informação verbal).

Podemos ver que a Diretora da Escola Aruanda também tem aposta expectante em relação a BNCC, ao dizer que está preparada para adequar o currículo da escola ao documento. Resta saber se aposta quanto a autonomia da escola será enactante, ou seja, se ao atuar nas condições do documento, deixará as marcas de seu próprio projeto, ou se será somente uma reprodutora do que está escrito na Base.

A aposta enactada exige que eu pense meu projeto (no caso, o pressuposto educacional) e que haja para participar de seu sucesso, que faça seu sucesso. [...] A verdade e o valor dos pressupostos da educação não são dados de uma vez por todas, inscritos num mundo de que não passo de observador. Emergem de minha confrontação com o mundo, do encontro de minha reflexão sobre a educação com minha ação de educador; (HANNOUN, 1998, p. 145 e 146)

A Diretora não mostrou nenhuma resistência em cumprir o que estará posto na Base, mas também não expressou que seria uma mera reprodutora do que estará escrito, por enquanto ela está sendo apostadora expectante mediana. O caráter mediano se dá em razão de ela estar de acordo com a Base, mas na medida em que contemple o que ela acha importante no aprendizado dos seus alunos. Decidimos encerrar as entrevistas na Aruanda por estarmos satisfeitas com as entrevistas obtidas.

5.2- Apostas dos atores da Escola Braz Baracuhy

Conversei com a coordenadora da Escola sobre o motivo da minha visita, expliquei o projeto de pesquisa e ela disse que na escola ninguém sabia nada sobre a Base e que eu não

iria conseguir muita coisa. Falei com a diretora, e ela deu permissão para que realizássemos a pesquisa, mas achava que eu não ia conseguir nada pois na escola o assunto nunca tinha sido debatido.

Ao chegarmos à escola Braz Bracuhy, em outro dia de visita, encontramos duas professoras disponíveis para a entrevista. Elas estavam com pressa, então gravamos num mesmo áudio a entrevista das duas. Fazíamos a pergunta, uma respondia, e depois a outra respondia a mesma pergunta.

Quando perguntei o que as Professoras A e B, sabiam sobre a BNCC, elas responderam que não sabiam nada (Informação verbal). Ao explicar um pouco sobre o que era a BNCC e seus objetivos, perguntei sobre o posicionamento delas em relação a Base, a Professora A respondeu que não estava de acordo com a BNCC, pois cada região é diferente, que em cada uma se trabalha a sua realidade, e questiona se com a BNCC terão que estudar todas as realidades de todos os Estados (informação verbal).

A Professora B concordou com a fala da colega, e acrescentou que também acha que não dá certo. Pois segundo ela, “cada Estado deve trabalhar a sua cultura, a sua realidade. E antes de tudo, antes desse projeto chegar a ser votado, tem que se trabalhar com a comunidade escolar, os professores, gestores, coordenadores” (informação verbal).

Em seguida perguntei se houve algum debate sobre a BNCC na escola, ambas responderam que não. Sobre a preparação das escolas para a chegada da BNCC, também disseram que se não houve debate, não há preparação. A professora A ainda acrescenta: “Agora eu ainda volto e digo a vocês, que isso está entrando na vida da gente sem a gente nem saber” (informação verbal). Nesta fala, é perceptível como “O governo tem cada vez mais definido os papéis e o trabalho dos profissionais da educação.” (BALL, et al, 2016, p.14).

É difícil para esses sujeitos conseguirem colocar em prática algo que não foi construído por eles, de acordo com a realidade da escola. Pois como Ball et al. (2016, p. 6) falam: “as políticas não dizem o que os indivíduos devem fazer, apenas estabelecem metas para os sujeitos cumprirem”.

Nesse caso, como esses sujeitos poderão agir em relação a um documento que não conhecem? Vendo pela perspectiva das apostas, como esses sujeitos pensarão a sua ação, e apostarão em algo no qual lhes é estranho?

Ora, se a enação, segundo Hannoun (1998, p. 137), “[...] emerge do próprio ato de conhecer. ” Como um sujeito que não conhece e não foi preparado para trabalhar um

documento no qual será obrigatório a sua “aplicação” no trabalho escolar poderá pensar em apostar na execução dessa proposta?

É evidente que, independentemente de o sujeito apostar ou não em estratégias para atuar de acordo com a BNCC, ele deve primeiro conhecer esse documento, refletir sobre o que o documento propõe e sobre as condições que ele, e a escola têm de cumprir o que está colocado na Base.

A seguir podemos ver novamente o discurso sobre a falta de informação em relação a Base Nacional Comum Curricular. Perguntei se elas concordavam que o Governo do Estado deveria trazer uma equipe, ou palestrante para vocês ficarem a par do assunto, e disseram que sim. A professora B complementou dizendo: “Eles lançarem esse projeto é muito bom, porque quem vai trabalhar na sala de aula é o professor. Então assim, quem tem o maior interesse a ser informado de como vai ser trabalhado é o professor. Porque a gente que vai trabalhar os conteúdos, não gestor, nem coordenador. É o professor de sala de aula”.

A princípio, elas estavam inseguras em responder por alegarem não saber nada em relação a BNCC. Essa postura é bastante compreensível, se levarmos em consideração as cobranças existentes em relação aos professores. Porém entendemos que essa falta de informação não é de responsabilidade dessas professoras, e sim do Estado, pois se a escola é de responsabilidade do Estado e um documento como este, que terá que ser praticado na escola, e que mudará toda a rotinas das escolas do Brasil, deveria ser de conhecimento dos educadores.

O fato desses educadores dessa escola não saberem do que se trata a BNCC contradiz os argumentos usados pelo MEC (BRASIL, 2017, p. 5) ao afirmar que a BNCC resultou de amplo debate com os atores da educação e sociedade brasileira. Então paramos para pensar, quais atores da educação eram esses? De que sociedade Brasileira se está falando nesse caso? Pois os atores de umas das escolas nem sequer sabiam do que se tratava essa BNCC.

Aqui podemos ver claramente que a forma de apostas é, no máximo, uma expectante fraca, se não for a reação de pura apatia. Os sujeitos, no caso, as professoras A e B, estão apenas esperando a chegada da BNCC na escola, para só então saber o que fazer em relação a ela. Esses tipos de apostas “consistem na previsão cuja afirmação ou infirmação pelo advento ou não do acontecimento contentamo-nos em esperar passivamente.” (HANNOUN, 1998, p. 129 e 130.)

Isso não define, porém, que esses serão os únicos tipos de apostas que as professoras A e B farão em relação a BNCC, pois como elas disseram, não sabem de nada. Até tomarem conhecimento sobre o documento, não poderemos afirmar seus posicionamentos enquanto

apostadoras em uma ação futura. Podemos apenas analisar as suas falas diante do contexto de não conhecimento de um documento que estava ainda em fase de aprovação quando foram entrevistadas e, de fato, os posicionamentos de ambas eram de espera, de expectadoras, pois estavam alheias a situação.

Chegamos à escola para uma outra visita, mas a maioria dos professores já tinham ido embora, e o restante não podia dar entrevistas pois estavam ocupados. Tentamos entrevistá-la, mas ela alegou que estava ocupada. Perguntamos sobre o PPP da escola, se poderíamos olhá-lo, e ela falou que só com a presença da diretora, que não estava na escola no momento.

Neste dia fomos ao Braz Baracuchy e, novamente, a diretora não estava, só a coordenadora pedagógica. Falamos com ela sobre as entrevistas, e ela falou que aquele era um péssimo dia para isso, pois só tinha uma professora lá, as outras tinham acabado de ir embora, então deixamos para um outro dia.

Nesse dia, conversamos com a coordenadora, com o intuito de conseguir entrevistá-la, percebemos que ela estava com medo de ser criticada por nós, então dissemos que o intuito da pesquisa não era criticar os entrevistados.

Durante esse momento de conversa ela tentava fugir um pouco, dizendo que tinha muita coisa para fazer e tentando procurar professores para participar da entrevista. Assim, conseguimos ver que uma professora tinha acabado de finalizar a aula. Assim que começamos a falar do que se tratava a nossa pesquisa, ela quis ver primeiro as perguntas para depois decidir se faria ou não.

Quando ela viu não quis participar, afirmando que não tinha estudado sobre o assunto para poder responder. Alegamos que não precisava ter uma resposta pronta, mas que a participação dela seria válida, mesmo assim ela não quis. Ainda perguntou se a coordenadora tinha participado, e informamos que não. Ela disse que estava sem tempo e a coordenadora poderia ter participado já que não estava “fazendo nada”, até mesmo para dar o exemplo aos professores de contribuírem para a nossa pesquisa. Ela falou isso e se dirigiu a coordenadora, mas não ouvimos o que ela disse. Depois disso, a coordenadora aceitou participar da entrevista.

Essa entrevista foi rápida, a coordenadora disse que não sabia nada de concreto sobre a BNCC, que preferia não se posicionar pois não tinha conhecimento a respeito do assunto. Disse também que não houve debate na escola e que a escola não estava se preparando para receber a BNCC pois não tinha vindo nenhuma formação para a escola (Informação verbal)

O que podemos dizer dessa entrevista, é que a fala dessa coordenadora pedagógica nos deixa vários questionamentos sobre a “participação democrática” que se diz ter acontecido na criação da BNCC. Como pode uma escola Estadual, não estar a par de um documento que está para mudar os currículos de todo o país? De quem será a responsabilidade por essa falta de informação? Porque escolas tão próximas, como a Aruanda e a Desembargador Braz Baracuchy estão em posições tão diferentes quanto à informação sobre a BNCC? Que preparação terá essa escola para atuar em uma política da qual não têm conhecimento, caso a BNCC seja aprovada?

Reforço o argumento de que os atores dessa escola não são culpados por essa falta de informação. Pois a própria coordenadora afirmou em uma conversa informal que a escola tem várias responsabilidades no dia a dia, os professores estão esgotados de tantas tarefas dentro e fora da escola, e que muitas vezes eles não têm tempo de se atualizarem sobre o que acontece na política do país.

Nesse caso não se pode constatar que os sujeitos dessa escola estão apostando de forma enactante em uma atuação em relação a BNCC, pois elas nem conhecem o documento. Só poderíamos constatar uma mobilização em apostar se ela ao menos soubesse do que se trata. “Deveremos então educar sem conhecimento, sem consciência do significado profundo de nossa ação? O educador estará condenado a tatear o tempo todo num túnel cujo sentido ele sequer suspeita qual seja?” (HANNOUN, 1998, p. 128). Para que haja aposta enactante deve haver conhecimento do objeto em que a aposta está envolvida, não há enação sem a confrontação do ser com o objeto e o seu sentido vital.

5.3- Aposta dos atores da Escola de Educação Básica da UFPB.

Ao chegar na Escola de Educação Básica da UFPB (EEBAS) foi pedido à coordenadora pedagógica permissão para fazer as entrevistas com os professores e professoras. Recebida a permissão, fui para o pátio onde tinha algumas professoras reunidas e expliquei sobre o meu trabalho. Duas delas aceitaram dar a entrevista, mas primeiro quiseram ver as perguntas, para o caso de serem muito difíceis de responder. Mostrei as perguntas, e elas aparentemente acharam fáceis, e então confirmaram que responderiam.

A professora a ser entrevistada não informou sua formação, nem a turma que ensina, e por estar apressada não perguntei, será chamada aqui de Professora G. Ela disse que sobre a BNCC sabe o básico, pois só tiveram um estudo sobre a BNCC na escola, através da

coordenação e umas professoras que estudam a BNCC em suas pesquisas de mestrado e doutorado. Disse que não viu muita diferença em relação as práticas de aulas que já têm (informação verbal).

Sobre ser a favor ou se discorda da BNCC ela disse que só discorda em relação ao conhecimento cognitivo “achei que deveria exigir mais na educação infantil, principalmente tipo letramento mesmo, escrita, numerais. ” (Informação verbal). Disse que acha que a BNCC trabalha mais a formação de valores, os hábitos da criança, o certo e errado, a formação pessoal (informação verbal). Em relação aos conteúdos serem os mesmos para todo o Estado do Brasil a professora G disse que:

Falando assim de uma forma geral, é interessante, é bom, mas a gente sabe que a realidade não é assim, as regiões do Brasil são diferentes, as realidades das crianças também, cada criança, além dessa diferença regional, existe a diferença individual de cada uma (informação verbal).

A professora reflete sobre as dificuldades em se ter uma igualdade de ensino nas diferentes Regiões do Brasil, e diz que prefere priorizar o ensino da realidade local (informação verbal). Hannoun (1998, p. 142) fala que a educação é anactada pelo encontro homem-ambiente. É compreensível a preocupação da professora em um ensino que se pretende igual para todos no país, porém com tantos elementos diferenciados em todas as Regiões. No documento da Base, em sua versão final, fala-se das habilidades que deverão ser ensinadas, e destaca que:

(EF04GE01) selecionar, em seus lugares de vivência e em suas histórias familiares e/ou da comunidade, elementos de distintas culturas (indígenas, afro-brasileiras, de outras regiões do país, latino-americanas, europeias, asiáticas etc.), valorizando o que é próprio em cada uma delas e sua contribuição para a formação da cultura local, regional e brasileira. (BRASIL, 2018. p. 375).

Nessa habilidade destacada, mostra um exemplo de como as diferenças regionais podem ser trabalhadas nas disciplinas de Ciências Humanas- Geografia no ensino Fundamental. Tudo é definido pelo documento, como um manual de instruções, para que os professores possam segui-los passo a passo.

Em relação a um debate na escola sobre o documento, ela diz que combinaram de estudar sobre a BNCC uma vez por mês, mas que não deu certo, porque seriam muitos dias

sem aula, fizeram isto apenas uma vez, e que tinha ficado combinado de adequarem o currículo da escola ao documento. Falou que esse estudo foi iniciativa da escola e dos professores, pois desde o lançamento da Base não tinham se aprofundado no estudo sobre (informação verbal). Em relação a preparação da escola para a BNCC a professora G disse que

[...]no início do ano a gente quer ver se divide os professores por área do conhecimento, do infantil, do fundamental, faz uma equipe de dois ou três para se dedicar só aquela área do conhecimento e de lá tirar os conteúdos específicos para a gente fazer o nosso currículo. Porque o nosso PPP foi aprovado, falta ir para o Conselho de Educação da Paraíba, mas ele já abrange muita coisa da BNCC (informação verbal).

Ela mencionou também que a escola não trabalha de forma tecnicista, então achei pertinente saber se ela achava a BNCC tecnicista e ela respondeu que para a Educação Infantil não, mas sim para o Fundamental, que mudou muito. E quanto a autonomia ela disse que acha que vai mudar muita coisa para o Ensino Municipal e Estadual, pois deixou o professor muito “engessado”. Mas que na EEBAS os professores têm autonomia, então vão trabalhar os conteúdos da BNCC, mas da forma como acharem melhor (informação verbal).

Na fala da professora, ela está convicta de que não vai perder sua autonomia quando começar a atuar com a BNCC. Seu pensamento crítico em relação a Base, e sua postura em relação a forma como fala do seu ensino, vemos claramente uma apostadora enactante, pois ela afirmou que os conteúdos serão os mesmos, mas que trabalharia do seu jeito.

Essa postura da professora é coerente com o que Hannoun (1998, p. 143) diz: “a educação considerada como enactada é criação, por um lado por sua novidade em relação ao pensamento inicial, e por outro por seu caráter prospectivo [...]” ela mostra superar o pensamento de apenas cumprir algo que está escrito, ao “pé da letra” como poderia dizer.

[...] ela é levada a contestar o ambiente que lhe deu origem para lançar as bases de seu ambiente futuro. Educar nesse sentido é ajudar a revelar os germes de amanhã. Um educador é contestatário de seu estado presente, porque a educação é, por essência, superação de seus “pais”. (HANNOUN 1998, p 143 apud GASTON BERGER 1967)

É assim que a Professora G mostra pensar, em superar o que está escrito na Base Nacional Comum Curricular, para não perder sua essência em sala de aula. A seguir, veremos a entrevista com a Professora H, do quinto ano do ensino Fundamental desta escola.

Ela entende a Base Nacional Comum Curricular como um documento normativo para o ensino, sendo obrigatório para a construção de currículos e propostas pedagógicas nas escolas. Em relação ao seu posicionamento ela diz que tem muitas críticas, desde a criação do documento até as mudanças atuais.

É um documento que, de fato, não é construído com diálogo com a sociedade, a propaganda diz que é, mas não é. É um documento cada vez mais elaborado de cima para baixo, excludente. Um documento que tira as possibilidades de criticidade dos alunos, mas sim pensando principalmente nessas últimas mudanças mais em questão de conteúdo, e o que é pior, especificamente agora em Português e Matemática, para o aluno visar só o mercado de trabalho na vida (informação verbal)

Ela também critica o aumento da carga horária nas escolas, pois diz que o Governo em nenhum momento falou em melhorar a estrutura das escolas nem na formação de professores. E diz que a Base não contempla questões essenciais como educação de Jovens e Adultos e educação do Campo, entre outras discussões. Diz também que critica a limitação quanto a autonomia do professor de trabalhar de diversas formas, valorizando a diversidade no processo de aprendizagem (informação verbal)

As questões levantadas pela Professora são muito pertinentes, pois mostram muitas falhas no documento da Base Nacional Comum Curricular. Rocha (2016, p. 24), em sua Dissertação de Mestrado, fala de algumas preocupações analisadas em sua pesquisa, em relação a BNCC. Preocupações essas que incluem: a garantia do espaço da diferença; a lógica tecnicista; a iniciante participação dos profissionais da educação; as influências de uma BNCC nas políticas de formação docentes e avaliações; e o prejuízo da autonomia dos professores. Essas preocupações são as mesmas levantadas pela professora H, o que mostra sua criticidade e posicionamento de resistência a BNCC.

Em sua fala também é possível identificar uma posição de enação, pois seu discurso evidencia que ela não está de acordo em seguir uma “receita” pronta, que irá deixá-la “na caixinha”, mesmo a BNCC sendo obrigatória, os atores de políticas podem apostar numa forma de não ficarem presos a um documento que fará com que sua autonomia seja comprometida. “Não há nenhum objeto de estudo que deva ser acompanhado de modo servil

por um homem livre! [...]” (PLATÃO, República, VII, 536d-537^a, apud HANNOUN 1998, p. 142).

Hannoun (1998) fala muito sobre a educação ser superação do seu pensamento genitor, e esse posicionamento é visível tanto na fala da professora H, como da professora G, que são da mesma escola, a EEBAS da UFPB.

Sobre ter ocorrido debate na escola em relação a BNCC ela diz que durante os oito meses que esteve na escola apenas um encontro aconteceu que foi para pensar o Projeto Político Pedagógico da escola a partir da BNCC. Disse que a escola não está se preparando para a BNCC pois tem muitas demandas como eleições para escolha de coordenação e escolha do livro didático. Que os debates sobre a base por enquanto são de caráter informais (informação verbal).

Só consegui duas entrevistas nessa escola, pois as outras professoras disseram que estavam organizando umas apresentações de fim de ano nas turmas, e que por isso o tempo estava corrido e não tinham como dar entrevista agora. Duas delas falaram que não sabiam responder nada sobre a BNCC, e que por isso não dariam entrevista.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as entrevistas dos atores, e das atoras de cada escola, pudemos perceber diferentes posicionamentos em relação a Base Nacional Comum Curricular. Posicionamentos a favor, contra, de indiferença, de neutralidade, de medo, de entusiasmo, de espera, e de resistência. Isto porque, o documento chegou ao conhecimento de cada professor (a) por meios diferentes, e cada qual o interpreta de acordo com suas ideologias, conhecimentos e experiências de vida e de carreira.

Os sujeitos de políticas, mesmo sendo de escolas próximas, da mesma cidade, de rede pública, e com o público alvo mais ou menos semelhante, expressam opiniões diferentes sobre o mesmo assunto. E isso é compreensível, visto que o mundo é plural e ninguém pensa igual. Veremos agora o resultado da nossa pesquisa feita em um breve resumo com base nos objetivos alcançados:

Na escola Estadual de Ensino Fundamental Desembargador Braz Baracuhy foram entrevistadas três pessoas, duas professoras e a coordenadora da escola. Todas elas desconheciam o documento da BNCC, duas delas discordavam da chegada desse documento nas escolas, a terceira era neutra em seu posicionamento em relação a Base, pelo fato de não ter conhecimento sobre a mesma. Nenhuma das entrevistadas estava em posição de enação ou mobilizada, duas delas se mostravam como apostadoras expectantes fracas, e a coordenadora não mostrou nenhum indício de ser uma apostadora enactante, seu posicionamento era de indiferença. Que construção democrática é essa que o MEC fala sobre a construção da BNCC na qual os mais interessados não conhecem sua existência?

Na escola Municipal de Ensino Fundamental Aruanda todos tinham conhecimento sobre o que é a BNCC, e todos, exceto um entrevistado, se posicionaram de forma otimista em relação a BNCC, por alegarem que a padronização dos conteúdos no Brasil todo seria algo positivo para os alunos.

Houve poucas críticas negativas em relação ao documento nessa escola. Uma das professoras criticou a falta de interdisciplinaridade, e o professor de Filosofia alegou que a BNCC prejudicava as duas áreas do conhecimento que eram: Filosofia e Ensino Religioso, das quais ele era professor. Falou também das desigualdades que a BNCC traria para alunos de escola pública e privada. O fato desta escola ter recebido uma orientação da Secretaria de Educação pode ter relação com os posicionamentos serem em sua maioria a favor da BNCC?

O professor de Filosofia, professor C, estava em posição de enação e de mobilização quanto ao risco de sua autonomia docente, pois este estava indignado com as mudanças que a

BNCC traria para as escolas de todo o país, e por sentir sua área de atuação ameaçada pela Base. Porém, ele, ao dizer que seu posicionamento em relação a BNCC era de espera, se mostrou no momento, um apostador expectante forte, pois ele estava sem poder fazer nada além de esperar a chegada do documento às escolas.

Os outros entrevistados não mostraram posição de enação e nem de mobilização e também não mostraram nenhum posicionamento que evidenciasse uma aposta enactante na busca de sua autonomia de ensino quando o documento chegasse à escola. A maioria dos posicionamentos era de espera, ou seja, de condição de expectante, pois estavam aguardando a chegada do documento para pensarem em suas atuações. Mas será que esses posicionamentos iniciais sentenciam esses atores a serem somente apostadores expectantes?

Na Escola de Educação Básica da UFPB, as duas entrevistadas conheciam a BNCC, discordavam de que a BNCC pudesse dar certo no contexto da prática das escolas. As duas, em seu posicionamento, mencionaram que a BNCC não funcionará igual no país todo, em questão de aprendizado dos conteúdos. É evidente que esses quatro atores (as professoras A e B, O professor C e a Professora H) estão em oposição ao documento.

A professora G disse que a Base foi insuficiente em questão de conhecimento cognitivo na educação infantil, e que ficou muito tecnicista no ensino fundamental. Disse também que os conteúdos seriam dados de acordo com a Base, mas da forma que ela achasse melhor, que sua autonomia não seria perdida, isto mostrou que ela está em posição de enação e mobilização, pois pretende executar a BNCC, sem que perca sua autonomia em sala de aula. Isto se configura em uma aposta enactante, pois ela não será apenas uma reprodutora do que está posto no documento.

A professora H deixou claro que tem várias críticas negativas em relação a BNCC. Sua situação também é de alguém que está vivenciando um momento de enação e mobilização, pois seu descontentamento e suas críticas no que diz respeito a autonomia sugere que ela também não seguirá à risca a “receita” que a BNCC apresenta em sua versão final.

Ficou evidente que a enação só faz parte daquelas e daqueles que se sentiam ameaçados de alguma forma pela BNCC. O sentimento de medo da perda da autonomia, de prejuízo em relação a outros fatores, do risco de ver sua área de conhecimento comprometida, ativaram nesses sujeitos o sentimento de mobilização.

REFERÊNCIAS

ALBINO, Ângela Cristina Alves; PEREIRA, Maria Zuleide da Costa. **Ensaaios sobre questões curriculares** - v.2 / [recurso eletrônico] / Alves Albino. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

APPLE, Michael W. A política do conhecimento oficial: faz sentido a ideia de um currículo nacional? In: MOREIRA, Antônio Flávio, SILVA, Tomaz Tadeu. **Currículo, cultura e sociedade**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

A, Professora: entrevista [out. 2017]. Entrevistadora: Dantas, Valúcia Vênus G. João pessoa-PB. E.E.E.F. Des. Braz Baracuchy. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso: As apostas enactantes dos atores de políticas educacionais em três escolas da rede pública de João Pessoa.

B, Professora: entrevista [out. 2017]. Entrevistadora: Dantas, Valúcia Vênus G. João pessoa-PB. E.E.E.F. Des. Braz Baracuchy. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso: As apostas enactantes dos atores de políticas educacionais em três escolas da rede pública de João Pessoa.

BALL, Stephen; BRAUN, Annette e MGUIRE, Meg. **Como as escolas fazem as políticas** atuação em escolas secundárias. Tradução de Janete Bridon. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2016.

BRASIL. **Audiências públicas sobre a Base Nacional Comum Curricular começam em 7 de julho**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/36402-base-nacional-comum-curricular>> MEC. Acessado em: 12 de setembro de 2017.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/50342743-Ministerio-da-educacao.html>>. Acessado em: 29 de setembro de 2017.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acessado em 25 de dezembro de 2018.

C, Professor: entrevista [nov. 2017]. Entrevistadora: Dantas, Valúcia Vênus G. João pessoa-PB. E.M.E.F. Aruanda. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso: As apostas enactantes dos atores de políticas educacionais em três escolas da rede pública de João Pessoa.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber:** elementos para uma teoria. Trad. Bruno Magne. –Porto Alegre: Artmed, 2000.

COORDENADORA: entrevista [nov. 2017]. Entrevistadora: DANTAS, Valúcia Vênus G. João pessoa-PB. E.E.E.F. Des. Braz Baracuh. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso: As apostas enactantes dos atores de políticas educacionais em três escolas da rede pública de João Pessoa.

D, Professora: entrevista [nov. 2017]. Entrevistadora: DANTAS, Valúcia Vênus G. João pessoa-PB. E.M.E.F. Aruanda. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso: As apostas enactantes dos atores de políticas educacionais em três escolas da rede pública de João Pessoa.

DIRETORA: entrevista [nov. 2017]. Entrevistadora: DANTAS, Valúcia Vênus G. João pessoa-PB. E.M.E.F. Aruanda. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso: As apostas enactantes dos atores de políticas educacionais em três escolas da rede pública de João Pessoa.

E, Professora: entrevista [nov. 2017]. Entrevistadora: DANTAS, Valúcia Vênus G. João pessoa-PB. E.M.E.F. Aruanda. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso: As apostas enactantes dos atores de políticas educacionais em três escolas da rede pública de João Pessoa.

F, Professora: entrevista [nov. 2017]. Entrevistadora: DANTAS, Valúcia Vênus G. João pessoa-PB. E.M.E.F. Aruanda. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso: As apostas enactantes dos atores de políticas educacionais em três escolas da rede pública de João Pessoa.

G, Professora: entrevista [dez. 2019]. Entrevistadora: DANTAS, Valúcia Vênus G. João Pessoa-PB. EEBAS-UFPB. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso: As apostas enactantes dos atores de políticas educacionais em três escolas da rede pública de João Pessoa.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa social. 6.ed, 4. reimp. São Paulo, Atlas, 2011.

H, Professora: entrevista [dez. 2019]. Entrevistadora: DANTAS, Valúcia Vênus G. João Pessoa-PB. EEBAS-UFPB. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso: As apostas enactantes dos atores de políticas educacionais em três escolas da rede pública de João Pessoa.

HANNOUN, Hubert. **Educação: certezas e apostas**. Trad. Ivone C. Benedeti. –São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. Colaboradores José Augusto de Souza Peres (et al). 3 ed- 10 reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

ROCHA, Nathália Fernandes Egito. **Base Nacional Comum Curricular e Micropolítica: analisando os fios condutores**. Dissertação de Mestrado- Universidade Federal da Paraíba, PPGE, João Pessoa-PB, 2016.

VARELA, J. Francisco. **Sobre a competência ética**. Trad. Arthur Morão. –Lisboa: Editora Laterza, 1992.

APÊNDICE A- ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- 1- O que você sabe sobre a BNCC?
- 2- Qual o seu posicionamento em relação a BNCC?
- 3- Houve algum debate sobre a BNCC na escola?
- 4- Como a escola está se preparando para receber a BNCC?

APÊNDICE B- ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS A e B

Entrevistadora: O que vocês sabem em relação a BNCC?

Professora A: Nada, (risos).

Professora B: Nada.

Entrevistadora: A outra pergunta é, qual o seu posicionamento em relação a BNCC?

Professora A: Ora se eu não sei nada...

Entrevistadora: Pelo o que você ouviu a gente falar, que é um documento que...

Professora A: Sim que é a grade curricular...

Entrevistadora: Um documento que diz os conteúdos essenciais...

Professora A: Que vai mudar as disciplinas das escolas

Entrevistadora: Sim que são conteúdos essenciais que toda escola deve passar esses conteúdos. Aí assim, vocês concordam, vocês discordam, o que vocês acham?

Entrevistadora: Ter um currículo padrão para todas as escolas do Brasil, vocês acham que vai dar certo isso?

Professora A: Não porque cada região é diferente né. É, vamos dizer, aqui a gente estuda nosso Estado, e como é que vai ser dividido com isso, a gente vai estudar todos os Estados? As séries iniciais, de primeiro ao quinto ano...

Entrevistadora: Vai ter conteúdo específicos para cada série, independente da região. É assim que é pensada a BNCC.

Professora A: Ah isso é. Isso vem através do ENEM que já fizeram essa...

Professora B: Querendo reforçar isso né, para mais para a frente...

Professora A: Mas para a frente as crianças já estarem preparadas né, para o exame.

Entrevistadora: Aí no caso você (se dirigindo a outra professora. Professora B) o que que você acha?

Professora B: Ah, eu acho também que não dá certo. Porque assim, eu acho que cada Estado deve trabalhar a sua cultura, a sua realidade. E antes de tudo, antes desse projeto chegar a ser votado, tem que se trabalhar com a comunidade escolar, os professores, gestores, coordenadores.

Entrevistadora: Aí na BNCC fala assim: que os professores eles vão dar esses conteúdos obrigatórios, mas que o professor depois ele tem autonomia para dar o conteúdo sobre a região. Vocês acham que mesmo assim vai funcionar? Quando chegarem esses conteúdos obrigatórios vocês têm que dar, e além disso, vocês terem que dar os conteúdos flexíveis, tipo, regional, educação ambiental, gênero, culturas...

Professora A: Olha eu vejo desse... A gente tem um projeto agora o Soma, ele foi implantado agora no quarto e quinto ano. O Estado da Paraíba já tem e Minas Gerais já copiou, outros Estados já copiaram esse projeto chamado Soma. E esse projeto nós temos o livro didático, e esse projeto manda um outro livro para trabalharmos conteúdos, como você está dizendo aí, conteúdos mínimos. Está entendendo? Já vem da Universidade... O Estado trabalha com a Universidade para fazer esse projeto. Então, vai vir para nós essas cartilhas onde nós vamos trabalhar esses conteúdos mínimos e o livro didático para trabalhar o todo, está entendendo? Eu acho até que a gente já está trabalhando isso aí. Essa grade curricular nesses sistemas.

Entrevistadora: E você também acha que está trabalhando isso já?

Professora B: Também.

Professora A: Porque a gente participou do PNAIC. É um projeto que o professor... é um estudo que o governo dá para o professor então agora só chegou no final do ano. Mas a gente geralmente estuda cinco ou seis encontros. O primeiro encontro que a gente foi agora foi sábado. O primeiro encontro, no final do ano, e já falaram para a gente que vamos trabalhar esse livro além do livro didático.

Entrevistadora: Próxima pergunta é: Houve algum debate sobre a BNCC na escola?

Professora A: Não, nenhum debate.

Entrevistadora: Como a escola está se preparando para a BNCC?

Professora A: Ah, se não houve debate, não há preparação.

Professora B: Não se preparou.

Professora A: Como? Agora eu ainda volto e digo a vocês, que isso está entrando na vida da gente sem a gente nem saber.

Professora B: Exatamente.

Professora A: Porque pelo o que eu vi do PNAIC sábado, eu estava lá, foi o primeiro encontro, isso está entrando na vida da gente e a gente não está nem sabendo que vai entrar.

Perguntei se elas concordavam que o Governo do Estado deveria trazer uma equipe, ou palestrante para vocês ficarem a par do assunto, e disseram que sim.

Professora B: Com certeza.

Professora A: Exatamente.

Professora B: Eles lançarem esse projeto é muito bom, porque quem vai trabalhar na sala de aula é o professor. Então assim, quem tem o maior interesse a ser informado de como vai ser trabalhado é o professor. Porque a gente que vai trabalhar os conteúdos, não gestor, nem coordenador. É o professor de sala de aula.

APÊNDICE C- ENTREVISTA COM O PROFESSOR C

Entrevistadora: O que você sabe sobre a BNCC?

Professor C: Nós sabemos aquilo que aprendemos na Universidade nas licenciaturas, e nas disciplinas de políticas educacionais que versam sobre o tema. Sabemos que a BNCC tem passado por recentes reconfigurações, e reconfigurações estas talvez um tanto quanto temerosas para o futuro da educação do país.

Entrevistadora: Porque você acha que são temerosas?

Professor C: E vou começar a falar a partir da minha área de conhecimento que a área de filosofia e a área de ensino religioso. São duas áreas que na BNCC estão sendo mutiladas, estão sendo minimizadas, colocadas como escanteio, como algo não obrigatório que o Município não deve mais oferecer como obrigatório ou que o Estado não precisa mais oferecer como obrigatório, ficando como optativa para os alunos no caso do ensino médio e como facultativo para as escolas de ensino fundamental.

O que acontece na prática? Acontece que a teoria é a seguinte: não tudo bem, a gente coloca a Filosofia como optativa e ela vai acontecer sim. Mas uma coisa quando é optativa ela te dá a opção de acontecer ou não. Por isso é optativo. Aí eu vou perguntar para vocês o seguinte: é do interesse do nosso Governo que haja Filosofia no nível médio? Não, absolutamente não. Porque a Filosofia é uma das únicas matérias que trabalha com criticidade política, com pensamento, com produção de identidade, com revisão de identidade, a gente rever a História, a gente faz filosofia da história, filosofia da ciência, filosofia da religião.

Então é uma matéria muito polêmica, uma matéria que gera questionamentos, que gera ensinamentos, que gera consciência crítica. Uma vez que gera tudo isso, quanto mais tudo isso for gerado na nossa nova geração, menos eles terão oportunidades de se manter no status quo, que eles se mantêm agora.

Para mim, professor mestrando de Filosofia na UFPB, penso que isso é proposital, é algo que vem a mutilar mesmo essa conquista que nós tivemos durante os longos anos depois de FHC que retirou do currículo Nacional a Filosofia. O que vem acontecendo hoje também com o ensino religioso. Só que no âmbito Municipal porque nós sabemos, a Filosofia é de obrigação do Estado e o ensino religioso de obrigação do Município. Só que também o ensino religioso tem o caráter político, ao refletir sobre religiões minoritárias, desprezadas, alvo de preconceito. A matéria faz com que o aluno perceba que não há apenas um credo. Só que a gente não pode subestimar o aluno. Pois a partir desses raciocínios que não há uma só religião, o aluno pode pensar: se não há uma religião apenas, também não há uma opinião

apenas. E se não há uma opinião apenas, também não há uma possibilidade política apenas. E aí ele começa também a exercer criticidade.

Então são duas matérias, uma que a nível fundamental e a outra a nível médio. A criticidade, a politização, a livre expressão de pensamento dos nossos alunos. E são duas matérias que estão sendo mutiladas.

Entrevistadora: Eu acho que ele já respondeu a segunda pergunta, que é: Qual o seu posicionamento em relação a BNCC?

Professor C: No caso eu acho que eu seria um pouquinho mais específico na resposta. Meu posicionamento é o seguinte: A BNCC está passando por transformações não há nada definitivo ainda, esperamos que não fique como está. A gente espera que haja uma reforma curricular verdadeiramente efetiva porque essa que está havendo não é efetiva, ela é apenas “camufladora” de situações que precisam ser melhoradas. Então o meu posicionamento em relação a BNCC é um posicionamento de cautela. Um posicionamento de esperar para ver o que é que vai acontecer, porque não está legal. Não está bom para os nossos alunos. Está bom para eles, está bom para quem tem o poder na mão, para quem quer orientar a educação para determinados fins a saber.

Professor C: Vocês de Pedagogia sabem muito bem que os fins da educação no nosso país são pura e meramente tecnocratas e a nossa escola muitas vezes ao invés de fazer o papel de educar, ela faz o papel de manter o status da sociedade.

Mantêm os pobres como pobres, os ricos como ricos, porque, rico estuda em escola de rico, ele vai ver Filosofia. Você acha que Filosofia é optativa para rico? Não, não é não, vai ter Filosofia como obrigatória. Filosofia tem lógica, lógica é o que ensina a pensar, lógica é o que dá oratória. E eles precisam de discurso para convencer. Então não é optativa para eles, é optativa para os nossos alunos. Para eles vai estar lá, na grade curricular deles, e com muita competência.

Agora, isso é ou não é segregação? Isso é ou não é produzir mão de obra barata para manter a riqueza onde ela está?

Entrevistadora: Houve algum debate sobre a BNCC na escola?

Professor C: Sim, nós sempre debatemos nos nossos planejamentos, o planejamento acontece uma vez por mês, e nas nossas rodas de conversas também, informais aqui na sala dos professores, qualquer notícia que sai a gente comenta, nos grupos informais de WhatsApp também. Então o debate entre nós professores ele é constante.

Entrevistadora: Ah então no caso veio alguma formação de fora para você? Algum debate, alguma palestra?

Professor C: Não, nesse nível não, formação não. Até mesmo eu me pergunto de onde viria isso? De quem é o interesse para que venha? Eu vi movimento informais na Universidade,

como palestras com o tema, convites para fóruns, mas nada oficial, muito menos movimentado pelo governo.

Entrevistadora: Como a escola está se preparando para receber a BNCC?

Professor C: Estudando, a gente tem estudado as atualizações, têm estudado a partir do plano pedagógico da escola mesmo. Porque é uma coisa que está para mudar, então a gente não pode ficar pegando todas as versões que sai e mudar o nosso PPP assim do nada. Quando sair a definitiva, a gente vai sentar e vai rever se é preciso modificar alguma coisa no plano pedagógico da escola.

APÊNDICE D- ENTREVISTA COM A COORDENADORA DA ESCOLA DES. BRAZ BARACUHY

Entrevistadora: O que você sabe sobre a BNCC?

Coordenadora: Da BNCC de concreto eu não sei nada.

Entrevistadora: Qual o seu posicionamento em relação a BNCC?

Coordenadora: Eu prefiro não me posicionar, porque eu não tenho conhecimento.

Entrevistadora: Houve algum debate sobre a BNCC na escola?

Coordenadora: Não houve nenhum debate.

Entrevistadora: Como a escola está se preparando para receber a BNCC?

Coordenadora: Não está se preparando, porque não veio nenhuma formação para a escola.

APÊNDICE E- ENTREVISTA COM A PROFESSORA D

Entrevistadora: O que você sabe sobre a BNCC?

Professora D: A BNCC é uma base curricular, então são os conteúdos que devem ser estudados nas escolas do ensino fundamental até o ensino médio.

Entrevistadora: Qual o seu posicionamento em relação a BNCC?

Professora D: Eu acho interessante que tenha uma padronização do que vai ser aprendido de norte a sul do país, mas eu creio que foi estranho dividir o conhecimento em áreas, porque se fala tanto em interdisciplinaridade, de se trabalhar de forma diferenciada é um pouco contraditório.

Entrevistadora: Houve algum debate sobre a BNCC na escola?

Professora D: Houve sim, o ano passado uma discussão em que a gente pegou o documento que foi colocado no site para que as pessoas opinassem e dentro daquelas propostas e objetivos de aprendizagem fosse colocado conteúdos que a gente dar em aula, ou seja está reafirmando novamente a divisão disciplinar que criticam tanto.

Entrevistadora: Como a escola está se preparando para receber a BNCC?

Professora D: O que houve foi esse preparo da prefeitura, porque recebemos uma formação e todo ano tem. Em dois em dois anos tem a reformulação do PPP, mas até o momento esse assunto não foi muito abordado não.

APÊNDICE F- ENTREVISTA COM A PROFESSORA E

Entrevistadora: O que você sabe sobre a BNCC?

Professora E: Eu já participei porque a formação da prefeitura a dois anos atrás estava em cima disso, que nós enquanto professores estamos na prática em sala de aula eleger alguns conteúdos que achávamos imprescindível para fazer parte da base curricular, porque são 60% relacionado ao título de nacional, a todas as escolas trabalharem os conteúdos nos anos de ensino e os 40% para a parte regional, os aspectos de cada região. Na escola tivemos planejamento que tratavam desses assuntos, veio um documento para nós buscando a nossa colaboração para o que deve permanecer no currículo.

Entrevistadora: Qual o seu posicionamento em relação a BNCC?

Professora E: Eu acho interessante, porque na prática recebemos alunos que vêm de outras regiões e vemos muitas vezes que o nível que o aluno se encontra está diferente do nosso. Alguns conteúdos que a gente trabalha o menino não conhece. Eu tinha um aluno que era do Acre e a gente percebia que ele tinha certa dificuldade com os conteúdos, porque ele não tinha estudado lá, mas não deixava ele inferior aos outros, porque ele era um aluno bastante inteligente. Então a gente foi começando a adequar os conteúdos, mas eu percebi que ele veio com uma certa “defasagem”. Então se essa base funcionar a nível nacional vai ser bom.

Entrevistadora: Houve algum debate sobre a BNCC na escola?

Professora E: Houve, justamente em 2015, no período que mais tinha no site do MEC que solicitava a discussão nas escolas. Foi um dos itens que foi solicitado da Secretaria da Educação que a gente trabalhasse nas escolas.

Entrevistadora: Como a escola está se preparando para receber a BNCC?

Professora E: Dessa forma, acredito que todo mundo está acreditando que vai ser melhor.

APÊNDICE G- ENTREVISTA COM A PROFESSORA F

Entrevistadora: O que você sabe sobre a BNCC?

Professora F: A gente passou a ter conhecimento aqui na escola numa formação da prefeitura, quando tivemos contato com a base que foi construída de forma coletiva pelos professores do Brasil todo para discutir os conteúdos que são essenciais para o ensino no país, mas antes eu não conhecia.

Entrevistadora: Qual o seu posicionamento em relação a BNCC?

Professora F: Eu penso que ela vai contribuir, porque por exemplo aqui na escola a gente pega um aluno que morava em São Paulo, ou no Sul, ele chega e ver conteúdos que a gente não deu passa a ver conteúdos que nunca viu, assim ele fica muito atrasado ou muito adiantado em relação ao que a gente está ensinando. Deixar num nível para a nação no ensino dos conteúdos, acho que é favorável.

Entrevistadora: Houve algum debate sobre a BNCC na escola?

Professora F: Tivemos sim, nas reuniões de planejamento mensal.

Entrevistadora: Como a escola está se preparando para receber a BNCC?

Professora F: Esse ano estamos trabalhando com o livro didático, mas como já teve a discussão a formação, eu acho que quando entrar mesmo em vigor vai ter uma orientação da equipe pedagógica, porque eles nos auxiliam como vai ser trabalhado, recebemos toda essa orientação.

APÊNDICE H- ENTREVISTA COM A DIRETORA DA ESCOLA ARUANDA

Entrevistadora: O que você sabe sobre a BNCC?

Diretora: A Base Nacional Comum Curricular foi uma preocupação para construir uma única sabe do sul ao Norte, do Brasil, em todas as regiões trabalhassem os mesmos conteúdos e quando houvesse uma transferência de um estado para outro não houvesse nenhum tipo de “choque” e que o aluno não sofresse nenhum comprometimento no seu aprendizado.

Entrevistadora: Qual o seu posicionamento em relação a BNCC?

Diretora: Acho que é importante na medida que seja contemplado aquilo que cada estado, cada município privilegiou nas suas escolas, no sentido de que de fato interessa e que não houvesse nenhum comprometimento na qualidade dos conteúdos e que houvesse de verdade um dimensionamento dentro dos conteúdos de forma que de Norte a Sul todos os alunos tivessem o direito de aprender as mesmas coisas.

Entrevistadora: Houve algum debate sobre a BNCC na escola?

Diretora: Houve muitos debates, como nas reuniões de formação, umas conclusões que as escolas enviaram para a secretaria. As escolas se reuniram, depois se reuniram em polos e foram construindo um documento que acredito que tenha sido encaminhado para o MEC.

Entrevistadora: Como a escola está se preparando para receber a BNCC?

Diretora: A escola não está se preparando, porque a escola vive preparada, vive trabalhando sobre a proposta curricular que existe e se houver alguma alteração a escola com certeza irá se adequar, porque o que a gente privilegia aqui é a condição do nosso aluno aprender e garantir a ele esse direito.

APÊNDICE I- ENTREVISTA COM A PROFESSORA G

Entrevistadora: O que você sabe sobre a BNCC?

Professora G: Eu sei o básico, muito pouco porque desde que essa BNCC veio para as escolas, para ser implantada nós só tivemos um estudo aqui sobre ela, com a coordenação e as professoras que trabalham, que faz parte da pesquisa delas de mestrado e doutorado aí elas explanaram para a gente assim de uma forma bem resumida. O que eu sei... não vi grande diferença dela para a minha prática de sala de aula e da prática que nós temos aqui na escola. Pois a gente já trabalhava essa forma de interação com a criança, deixar a criança como protagonista do ensino, a gente faz só uma mediação. A gente aproveita muito o que a criança traz de casa, e da sua realidade.

Entrevistadora: Qual o seu posicionamento em relação a BNCC? Se é a favor, se discorda de alguma coisa...

Professora G: Só mais do ponto do conhecimento cognitivo, achei que deveria exigir mais na educação infantil principalmente, tipo, letramento mesmo, escrita, numerais. Eu acho que trabalha muito mais a formação que não é a do conhecimento, mas a formação psicológica intelectual, da criança saber os valores, seus hábitos, o que é certo e o que é errado, uma formação pessoal. A intelectual, ou seja, a cognitiva de conhecimento eu acho que poderia ser mais exigente para a criança sair do infantil já sabendo as letras, os numerais, a formação do corpo, muita coisa que poderia ser explorada.

Entrevistadora: Houve algum debate sobre a BNCC na escola?

Professora G: Nós combinamos de parar de dois em dois meses, uma vez de manhã, dispensar todos os alunos e ficar a manhã toda estudando a BNCC, e no outro mês parava à tarde, para não ficar desfalcado só um horário, só que não deu certo, porque quando nós tentamos fazer, fizemos só uma vez, foi quando inclusive eu te falei que as professoras fizeram essa exposição para a gente. Foi muito bom, elas leram com a gente, etapa por etapa, todas aquelas faixas etárias de dados, tudo aquilo. E ficou combinado a gente adequar o nosso currículo dentro dessa proposta.

Entrevistadora: Foi iniciativa da escola mesmo, ou foi algum projeto que veio de fora?

Professora G: Não, foi da escola, exigência dos professores mesmo, porque desde que ela está aí a gente não tinha nem pego ela, só vimos coisas na internet, mas foram coisas que a gente buscou sozinhas. Aí a coordenação fez esse estudo com a gente, mas acabou nem dando certo depois porque os pais reclamaram que iriam ser muitos dias sem aula, aí a gente só teve esse encontro.

Entrevistadora: Como a escola está se preparando para a BNCC?

Professora G: Agora no início do ano a gente quer ver se divide os professores por área do conhecimento, do infantil, do fundamental, faz uma equipe de dois ou três para se dedicar só

aquela área do conhecimento e de lá tirar os conteúdos específicos para a gente fazer o nosso currículo. Porque o nosso PPP foi aprovado, falta ir para o Conselho de Educação da Paraíba, mas ele já abrange muita coisa da BNCC. A nossa metodologia aqui na escola sempre foi voltada para a formação de valorizar a criança como protagonista tanto no infantil como no fundamental, a gente sempre trabalhou assim, e tem recebido até mais críticas porque a gente não trabalha aquela pedagogia tecnicista, bem puxada, trabalha muito esse lado criativo da criança, da formação pessoal.

Entrevistadora: Então você acha que a BNCC não é tecnicista não?

Professora G: Não, depende, eu achei que do infantil nem tanto, mas do fundamental ficou mais para esse lado tecnicista mesmo, porque do infantil não mudou muito, mas do fundamental mudou muito.

Entrevistadora: Quanto a autonomia, você acha que vai mudar alguma coisa?

Professora G: Eu acho que pelo pouco que eu conheço do ensino Municipal e Estadual eu acho que sim, deixou os professores mais engessados, mas aqui a nossa realidade é muito diferente a gente goza de autonomia dentro da sala de aula, dentro da própria instituição. Aqui o professor tem autonomia, então, vai ser o mesmo conteúdo, mas a gente trabalha da forma como achar melhor com cada turma.

APÊNDICE J- ENTREVISTA COM A PROFESSORA H

Entrevistadora: O que você sabe sobre a BNCC?

Professora H: Base Nacional Comum curricular é um documento oficial e normativo dos sistemas de ensino, tendo como referência obrigatória para a construção e elaboração de currículos escolares e propostas pedagógicas. Então ele é um documento de referência para essa construção de Currículo e de propostas pedagógicas, resumindo.

Entrevistadora: Qual o seu posicionamento em relação a BNCC?

Professora H: São tantas críticas, e cada vez mais, desde a criação e construção dela e agora com essas mudanças as minhas críticas só aumentam. É um documento, que de fato não é construído com diálogo com a sociedade, a propaganda diz que é, mas não é. É um documento cada vez mais elaborado de cima para baixo, excludente. Um documento que tira as possibilidades de criticidade dos alunos, mas sim pensando principalmente nessas últimas mudanças mais em questão de conteúdo, e o que é pior, especificamente agora em Português e Matemática, para o aluno visar só o mercado de trabalho na vida. Então é uma proposta também muito vaga, fala em aumento da carga horária, mas em nenhum momento fala em construção de escolas nem em melhora de estrutura, nem de formação de professores, então cada vez ficando mais limitada essa discussão de educação. Além de excluir questões essenciais para quem trabalha com a Educação de Jovens e Adultos, com Educação do Campo, e essas outras discussões que são necessárias nos espaços escolares. E uma das críticas que eu tenho também em relação a essa BNCC é a limitação que se propõe de tirar a autonomia do professor de se trabalhar de diversas maneiras, de diversas formas valorizando a diversidade, e os diversos processos de aprendizagem. Então ela além de limitar os educandos, ainda passa também a querer limitar os educadores. Ela engessa o processo de ensino aprendizagem, exige uma avaliação horizontal, então ela cada vez mais nos deixa na caixinha.

Entrevistadora: Houve algum debate sobre a BNCC na escola?

Professora H: Eu cheguei na escola só tem oito meses, nesses oito meses houve um encontro entre nós professores mesmo, para pensar o Projeto Político Pedagógico da escola e o Regimento da escola, a partir da Base, porém, apenas esse, nenhum mais, por enquanto.

Entrevistadora: Como a escola está se preparando para receber a BNCC?

Professora H: Ainda penso que ela não está se preparando, ela anda com tantas outras demandas, inclusive eleição de mudança de coordenação, então assim, se vem discutindo, mas de forma muito informal entre os professores. Até porque a gente tem escolha de livros para o ano que vem, mas ainda de forma articulada, não.

APÊNDICE K

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre a As Apostas Enactantes e os Atores de Políticas Educacionais e está sendo desenvolvida pela aluna Valúcia Vênis Gomes Dantas, aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof Luís Gonzaga Gonçalves.

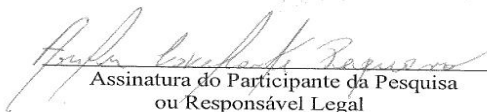
Os objetivos do estudo são investigar como os atores de políticas das escolas estão reagindo à BNCC está sendo discutida no contexto da prática das escolas, sob o olhar da aposta enactante. A finalidade deste trabalho é contribuir para que percebamos como as políticas, no caso a BNCC é percebida no interior das escolas, e provocar reflexões em relação ao assunto.

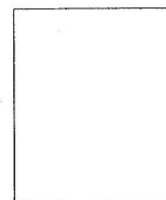
Solicitamos a sua colaboração para **entrevista**, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da educação e publicar em revista científica (*se for o caso*). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.


Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal



Espaço para impressão
dactiloscópica

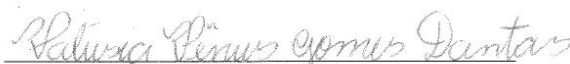
Assinatura da Testemunha

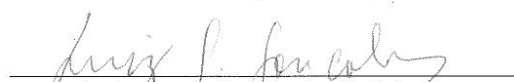
Contato do Pesquisador (a) Responsável: valusiaa01@hotmail.com

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a)
pesquisador(a) Valúcia Vênus Gomes Dantas

Telefone: (83) 99921-3899

Atenciosamente,


Assinatura do Pesquisador Responsável


Assinatura do Pesquisador Participante

APÊNDICE L

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é referente ao meu TCC, sobre As apostas enactantes e os atores de políticas educacionais e está sendo desenvolvida por Valúcia Vênus Gomes Dantas, aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Luís Gonzaga Gonçalves

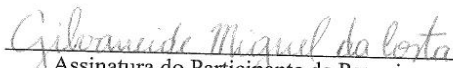
Os objetivos do estudo são investigar como a BNCC está sendo discutida no contexto da prática das escolas, e analisar se as apostas enactantes contribuem para a autonomia dos atores em relação a BNCC. A finalidade deste trabalho é contribuir para que percebamos como as políticas, no caso a BNCC é percebida no interior das escolas, e provocar reflexões em relação ao assunto.

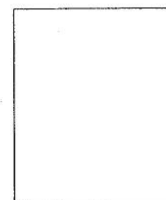
Solicitamos a sua colaboração para **entrevista**, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da educação e publicar em revista científica (*se for o caso*). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.


Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal



Espaço para impressão
dactiloscópica

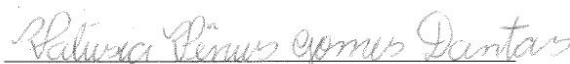
Assinatura da Testemunha

Contato do Pesquisador (a) Responsável: valusiaa01@hotmail.com

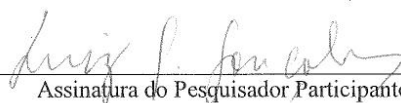
Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a)
pesquisador(a) Valúcia Vênus Gomes Dantas

Telefone: (83) 99921-3899

Atenciosamente,



Assinatura do Pesquisador Responsável



Assinatura do Pesquisador Participante

APÊNDICE M

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é referente ao meu TCC, sobre As apostas enactantes e os atores de políticas educacionais e está sendo desenvolvida por Valúcia Vênus Gomes Dantas, aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Luís Gonzaga Gonçalves

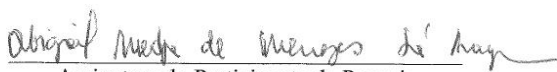
Os objetivos do estudo são investigar como a BNCC está sendo discutida no contexto da prática das escolas, e analisar se as apostas enactantes contribuem para a autonomia dos atores em relação a BNCC. A finalidade deste trabalho é contribuir para que percebamos como as políticas, no caso a BNCC é percebida no interior das escolas, e provocar reflexões em relação ao assunto.

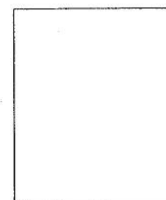
Solicitamos a sua colaboração para **entrevista**, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da educação e publicar em revista científica (*se for o caso*). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.


Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal



Espaço para impressão
dactiloscópica

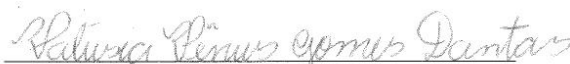
Assinatura da Testemunha

Contato do Pesquisador (a) Responsável: valusiaa01@hotmail.com

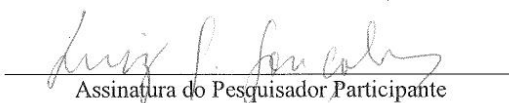
Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a)
pesquisador(a) Valúcia Vênus Gomes Dantas

Telefone: (83) 99921-3899

Atenciosamente,



Assinatura do Pesquisador Responsável



Assinatura do Pesquisador Participante

APÊNDICE N

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é referente ao meu TCC, sobre As apostas enactantes e os atores de políticas educacionais e está sendo desenvolvida por Valúcia Vênis Gomes Dantas, aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Luís Gonzaga Gonçalves

Os objetivos do estudo são investigar como a BNCC está sendo discutida no contexto da prática das escolas, e analisar se as apostas enactantes contribuem para a autonomia dos atores em relação a BNCC. A finalidade deste trabalho é contribuir para que percebamos como as políticas, no caso a BNCC é percebida no interior das escolas, e provocar reflexões em relação ao assunto.

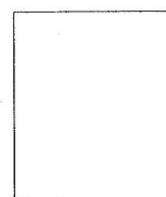
Solicitamos a sua colaboração para **entrevista**, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da educação e publicar em revista científica (*se for o caso*). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Geovanna Soares da Silva Nascimento
Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal



Espaço para impressão
dactiloscópica

Assinatura da Testemunha

Contato do Pesquisador (a) Responsável: valusiaa01@hotmail.com

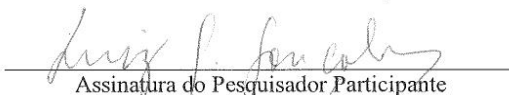
Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a)
pesquisador(a) Valúcia Vênus Gomes Dantas

Telefone: (83) 99921-3899

Atenciosamente,



Assinatura do Pesquisador Responsável



Assinatura do Pesquisador Participante

APÊNDICE O

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é referente ao meu TCC, sobre As apostas enactantes e os atores de políticas educacionais e está sendo desenvolvida por Valúcia Vênus Gomes Dantas, aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Luís Gonzaga Gonçalves


Os objetivos do estudo são investigar como a BNCC está sendo discutida no contexto da prática das escolas, e analisar se as apostas enactantes contribuem para a autonomia dos atores em relação a BNCC. A finalidade deste trabalho é contribuir para que percebamos como as políticas, no caso a BNCC é percebida no interior das escolas, e provocar reflexões em relação ao assunto.

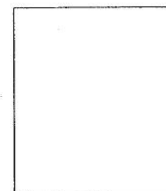
Solicitamos a sua colaboração para **entrevista**, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da educação e publicar em revista científica (*se for o caso*). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.


Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal



Espaço para impressão
dactiloscópica

Assinatura da Testemunha

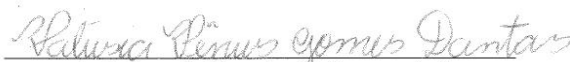
Contato do Pesquisador (a) Responsável: valusiaa01@hotmail.com

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a)

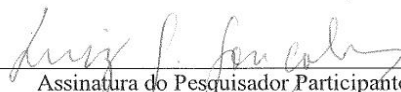
pesquisador(a) Valúcia Vênus Gomes Dantas

Telefone: (83) 99921-3899

Atenciosamente,



Assinatura do Pesquisador Responsável



Assinatura do Pesquisador Participante

APÊNDICE P

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa será utilizada no meu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como tema: As apostas Enactantes e os Atores de Políticas Educacionais. E está sendo desenvolvida pela pesquisadora Valúcia Vênus Gomes Dantas, aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof Luís Gonzaga Gonçalves.

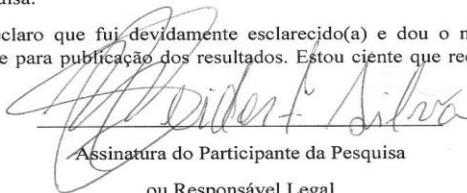
Os objetivos do estudo são investigar como os atores de políticas das escolas estão reagindo a BNCC, sob o olhar das apostas enactantes. A finalidade deste trabalho é contribuir para que percebamos como as políticas, no caso a BNCC é percebida no interior das escolas, e provocar reflexões em relação ao assunto.

Solicitamos a sua colaboração para entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da educação e publicar em revista científica (se for o caso). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.



Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal

Assinatura da Testemunha

Contato do Pesquisador (a) Responsável: valusiaa01@hotmail.com

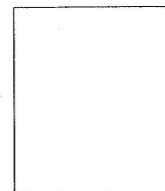
Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador(a)
Valúcia Vênus Gomes Dantas

Telefone: (83) 99921-3899

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do Pesquisador Participante



Espaço para impressão
dactiloscópica


Assinatura da Testemunha

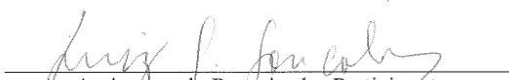
Contato do Pesquisador (a) Responsável: valusiaa01@hotmail.com

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a)
pesquisador(a) Valúcia Vênus Gomes Dantas

Telefone: (83) 99921-3899

Atenciosamente,


Assinatura do Pesquisador Responsável


Assinatura do Pesquisador Participante

APÊNDICE Q

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é referente ao meu TCC, sobre As apostas enactantes e os atores de políticas educacionais e está sendo desenvolvida por Valúcia Vênus Gomes Dantas, aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Luís Gonzaga Gonçalves

Os objetivos do estudo são investigar como a BNCC está sendo discutida no contexto da prática das escolas, e analisar se as apostas enactantes contribuem para a autonomia dos atores em relação a BNCC. A finalidade deste trabalho é contribuir para que percebamos como as políticas, no caso a BNCC é percebida no interior das escolas, e provocar reflexões em relação ao assunto.

Solicitamos a sua colaboração para **entrevista**, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da educação e publicar em revista científica (*se for o caso*). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo

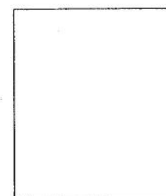
Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.



Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal



Espaço para impressão
dactiloscópica

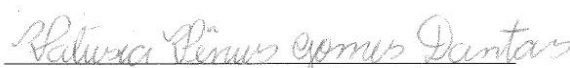
Assinatura da Testemunha


Contato do Pesquisador (a) Responsável: valusiaa01@hotmail.com

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a)
pesquisador(a) Valúcia Vênus Gomes Dantas

Telefone: (83) 99921-3899

Atenciosamente,


Assinatura do Pesquisador Responsável


Assinatura do Pesquisador Participante

APÊNDICE R

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é referente ao meu TCC, sobre As apostas enactantes e os atores de políticas educacionais e está sendo desenvolvida por Valúcia Vênus Gomes Dantas, aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Luís Gonzaga Gonçalves

Os objetivos do estudo são investigar como a BNCC está sendo discutida no contexto da prática das escolas, e analisar se as apostas enactantes contribuem para a autonomia dos atores em relação a BNCC. A finalidade deste trabalho é contribuir para que percebamos como as políticas, no caso a BNCC é percebida no interior das escolas, e provocar reflexões em relação ao assunto.

Solicitamos a sua colaboração para **entrevista**, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da educação e publicar em revista científica (*se for o caso*). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo

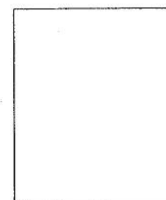
Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.



Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal



Espaço para impressão
dactiloscópica

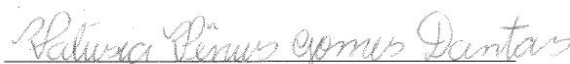
Assinatura da Testemunha

Contato do Pesquisador (a) Responsável: valusiaa01@hotmail.com

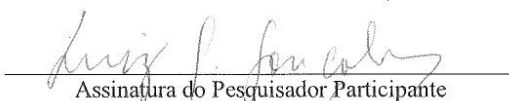
Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a)
pesquisador(a) Valúcia Vênus Gomes Dantas

Telefone: (83) 99921-3899

Atenciosamente,



Assinatura do Pesquisador Responsável



Assinatura do Pesquisador Participante

APÊNDICE S

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é referente ao meu TCC, sobre As apostas enactantes e os atores de políticas educacionais e está sendo desenvolvida por Valúcia Vênus Gomes Dantas, aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Luís Gonzaga Gonçalves

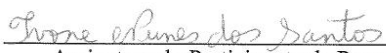
Os objetivos do estudo são investigar como a BNCC está sendo discutida no contexto da prática das escolas, e analisar se as apostas enactantes contribuem para a autonomia dos atores em relação a BNCC. A finalidade deste trabalho é contribuir para que percebamos como as políticas, no caso a BNCC é percebida no interior das escolas, e provocar reflexões em relação ao assunto.

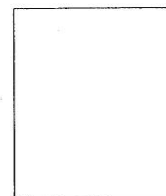
Solicitamos a sua colaboração para **entrevista**, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da educação e publicar em revista científica (*se for o caso*). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.


Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal



Espaço para impressão
dactiloscópica


Assinatura da Testemunha

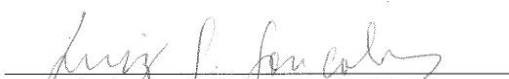
Contato do Pesquisador (a) Responsável: valusiaa01@hotmail.com

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a)
pesquisador(a) Valúcia Vênus Gomes Dantas

Telefone: (83) 99921-3899

Atenciosamente,


Assinatura do Pesquisador Responsável


Assinatura do Pesquisador Participante